

O “MEDITERRÂNEO” SAARIANO E AS CARAVANAS DO OURO (II).

(Continuação)

CAPÍTULO IV

OS SEDENTÁRIOS DOS OÁSIS DE TAMAREIRAS E AS ESCALAS SETENTRIONAIS DO COMÉRCIO TRANS-SAARIANO.

1. — *A faixa dos palmares de tamareiras.*

Entre a civilização urbana e agrícola, logo sedentária, da Barbaria, e a civilização pastoril nômade do Grande Deserto, intercala Leão-o-Africano o País das Tamareiras, extensa faixa desenrolada na direção do paralelo e que termina a Poente em Não, na costa do Oceano, e a Levante vai até os confins do oásis nilótico. A divisão do geógrafo quinhentista, observador tão cuidadoso e inteligente, corresponde a uma realidade física e sobretudo econômico-social.

Para Sul do Anti-Atlas a quantidade anual das precipitações desce abaixo de 200 mm. e estas tornam-se extremamente irregulares, entrecortando ocasionalmente longos períodos de completa secura. E' assim que nos oásis do Tuate a pluviosidade não chega a atingir 100 mm. anualmente e só chove com relativa abundância de dez em dez anos, em média; em In Salah, no Tidikelte, caíram apenas 12 mm. em quatro anos. Em El Golea caem 50 a 51 mm., em Beni Abbés 31 a 32 mm., em Timimum 13,5 mm. No Grande Erg Ocidental chove mais do que na periferia (Capot-Rey). Mas as águas das montanhas setentrionais descem para o Meio Dia e correm através dos desertos; nos vales do curso superior há nogueiras, oliveiras, choupos. Êstes uedes — Draa, Rheris, Ziz, Guir, Zufana, Saura —, conquistam à aridez dos areiais e dos planaltos pedregosos, bandas vicejantes de palmares, messes e jardins. A hidrografia subterrânea não é menos importante do que a hidrografia superficial: os terrenos aluvionários porosos e as dunas são fertilizados pela umidade que ascende de cursos ou toalhas mais ou menos profundos; noutros pontos é uma fonte artesiana que surge, cujas águas vêm por vêzes de mais de 100 m. de profundidade, e em volta a terra touca-se de vegetação. O volume de precipitações

registado em In Salah mostra que não bastam para alimentar as *foggaguir* do Tuate e do Tidikelte; estas são, sim, abastecidas pela toalha de água do Tademaite, formada pelas chuvas que caem no planalto: 9 anos em 41 o uede Mya corre com certa força (238).

Para o Norte, o Maghrebe pertence à zona das chuvas regulares de inverno; para o Sul, o deserto quase nunca recebe precipitações. Entre ambos, o País das Tamareiras, pluviométricamente faixa de transição, é-o também quanto ao manto vegetal. A vegetação é mais difusa do que no deserto propriamente dito, onde, em geral mas não sempre, se concentra estritamente às margens dos uedes; todavia é menos espalhada do que na Barbaria, donde recebe algumas espécies.

“A *Pistacia atlantica* avança até Figui e até o Mzab. Um olmeiro de folhas coriáceas e persistentes, *Populus euphatica*, penetra até Tademaite. Uma giesta, o retém (*Retama retem*), desempenha papel de vulto nos terrenos arenosos; encontramos-lo no Erg do Saura [Grande Erg Ocidental], no Iguidi, na Tripolitânia” (239),

bem como no Grande Erg Oriental onde coabita, nas encostas dunares e quase até o cume, com o azel (*Colligonum azel*), o arta e, na parte norte, o alendra (*Ephedra elata*). As cáfilas de camelos encontram nestes ergues bom pasto de had e drinn nas dunas, de helma, que tanto excita a gulodice do dromedário, no leito de falecidos uedes nos corredores interdunares, largos de quilômetro e meio, com chão de areia ou em *reg*.

No conjunto, a “banda das tamareiras” cavalga turno a turno duas províncias fitogeográficas: a mauritânia-estépica e a saariana-mediterrânea, a Poente; a primeira e a saariana-sudanesa a Nascente. Contorna setentrionalmente a faixa de ergues, avançando como cunhas entre êles os seus “promontórios” para o Sul. Pelo Sáara setentrional vivem assim certas espécies que são elementos intermédios dos dois reinos saaro-sindês e sudano-decanês, tal uma das “árvores de goma”, a talha (*Acacia Raddiana* ou *torilis*). Também entra na composição da paisagem a *Tamarix articulata*.

Não são regiões privilegiadas, em que a natureza se mostre pródiga com restrita intervenção humana; o esforço do homem tem de exercer-se pertinaz, continuamente, para conseguir resultados precários, sempre à mercê das razias dos nômadas e do constante ataque do meio físico. Em todo o caso, estas zonas alcançam por vezes a fama de prosperidade, embora esta se não liberte do caráter instável. E' a tamareira que pinta a sua paisagem, e constitui a

(238). — Dubief, *Les pluies*.

(239). — Bernard, II, p. 318.

base da existência dos seus habitantes; à sua sombra cresce uma ou outra árvore de fruto, semeia-se cevada. Os povoados salpicam em fieira as margens dos uedes; de onde a onde, o rio corre por uma garganta, e durante um certo percurso não se encontra a marca do homem; mas aqui e além é até uma pequena cidade que se ergue (240). As gentes afadigam-se na luta sem tréguas contra as areias avassaladoras, em persistente ameaça, e na construção e reparação de canais e reprêas, nessa extraordinária condução subterrânea das águas que são as *foggaguir*.

O que são as extraordinárias realizações hidráulicas desta civilização da tamareira, pinta-o com côres vivas Ibne Khaldun:

“Dans les contrées du désert situées derrière l’Erg, on voit employer un procédé singulier pour obtenir les sources jaillissantes. On creuse un puits très profond, dont on a soin d’élayer les parois, et l’on continue ce travail jusqu’à ce qu’on atteigne une couche de pierre très dure. On entame cette couche avec des pies et des pioches, à fin de l’amincir; alors, les ouvriers remontent et jettent au fonds de l’excavation une masse de fer. La couche de roc se brise et laisse monter les eaux qu’elle recouvre; le puits se remplit, l’eau en déborde et forme un ruisseau sur le sol. Quelque fois, l’eau monte avec tant de vitesse que rien ne peut lui échapper. Ce phénomène se voit aux bourgades de Touat, de Tigourarine, d’Ouar-gla et de Righ”.

As *foggaguir*, técnica hidráulica originária da Pérsia e Afeganistão, são em suma, aquedutos subterrâneos que drenam as águas de uma toalha artesiana, sob pressão no sub-solo, para as trazer ao exterior num ponto convenientemente escolhido. No Sáara, estas construções confinam-se aos oásis que cercam o Tadmait e a El Golea (241).

2. — *Nul Lamta, entreposto do ouro e dos escravos.*
Ofram. Os palmares do Djebel Bani. O país do anil (Dar’a).

Se caminharmos do Atlântico para o interior do sertão, o primeiro povoado com que deparamos é Nul Lamta. Da sua localização informam-nos Edrici e Al-Dimachqui:

“Noul est une ville bien peuplée, située sur une rivière qui vient du côté de l’orient, et dont les rivages sont habités par les tribus de Lamtouna e de Lamta”. (Edrici, I 205); “Nous commençons de l’Occident en direction orientale et remarquons que les régions de la Sahrá commencent par Noul Lamta, ville située sur la

(240). — Célérier, págs. 76-79; Bernard, I 168-169.

(241). — Cauvet, *L’oued In Rhar*.

mer al-Mouhit [Atlântico] et arrosée par un fleuve qui tombe dans la mer" (242).

Edrici precisa que Nul dista 3 jornadas do mar e 13 de Sidjilmissa. Situava-se, portanto, junto a um rio a que deu o nome e que poderia ser o Assaca ou o Draa, ambos também conhecidos por Não. Augustin Bernard opta pelo primeiro, Ch. La Roncière pelo segundo. A leitura de Ibne Khaldun (*História dos Berberes*) permite resolver a dificuldade, dando razão ao primeiro. Com efeito, o historiador muçulmano distingue inequivocamente o uede Nul do uede Dar'a, indicando que este desagua no mar entre aquê-le e Uadam (243); noutro passo diz-nos que o uede Nul nasce nas montanhas dos Hankisa, que são incontestavelmente o Anti-Atlas, e precisa que na sua margem esquerda se situa Tagaoste, o que também só convém ao rio Assaca (244).

Que Nul existia e possivelmente prosperava no século XI, está o roteiro de El-Békri para o atestar. Quando foi fundada, ignoramo-lo. Parece que já na Antigüidade há referências que se podem interpretar como dizendo-lhe respeito (Mauny). Todavia, o próprio topônimo desvendá talvez as razões do seu florescimento, se não nova fundação: Nul Lamta, ou seja, Nul, "cidade" dos Lamta, logo de um dos grupos de tribos de "embuçados". A cidade desenvolveu-se pois, ou nasceu mesmo, graças aos grandes nômadas camelieiros, à sua irradiação pelo deserto e à criação por êles da teia do tráfico trans-saariano, do século III ao VII principalmente. E' verossímil, por isso, que Nul surgisse para a vida econômica ativa pelo mesmo tempo que Messa. E virá a ser o pôrto mais meridional da navegação atlântica muçulmana.

O esplendor de Nul foi no século XII. Era então "bem povoada" como diz Edrici. Os seus habitantes criavam gado bovino e gado lanígero:

"Les habitants de Noul Lamta possèdent beaucoup de vaches et de moutons, et ont, par conséquent, du lait, du beurre e de la graisse en abondance" (245).

Mas a cidade caracterizava-se como centro industrial e entreposto do tráfico trans-saariano. Fabricavam-se aqui escudos, que eram vendidos para tôda a Barbaria, selins, bridões para cavalo e albardas para camelo (246); não menos importante era a

(242). — Al-Dimachqui, em M C A E A, fol. 1203.

(243). — M C A E A, t. IV, f. 1342.

(244). — Idem, f. 1343, v.

(245). — Edrici, I 206.

(246). — "On y fabrique des boucliers connus sous le nom de boucliers de Lamta, qui sont les plus parfaits qu'on puisse imaginer. Ces boucliers étant d'une très bonne défense et très légers à porter, les peuples du Maghreb s'en servent dans les combats. On fabrique aussi dans la même ville des selles, des mors de cheval et des bâts de chameau". Edrici, I 205-206.

indústria têxtil, com a manufatura de *sefsarié* e albornozes (247). Nul servia de mercado às gentes das vizinhanças, que aqui encontravam refúgio nos momentos de perigo. Durante a época almorrávida, Nul pôs em relação Marrocos com a Terra dos Negros; suplantou-a, no declínio da Idade Média, Tagaoste, que por seu turno será substituída por Tazerualte no século XVII; no século XVIII tal função caberá a Guilimine (248). Que no começo do século XVI já não existia a cidade nem memória dela, provam-no o silêncio do *Esmeraldo* e de *Leão-o-Africano*. Como vimos no capítulo anterior, êste descreve-nos tão só aldeolas pobres na região de Não; algo ainda persistia da antiga atividade comercial, pois alguns mercadores dêstes povoados continuavam a ir traficar a Ualata (249); todavia tal comércio estava reduzido a proporções mesquinhas, Tagaoste açambarcava então o grosso negócio (250). O que acabamos de dizer vale igualmente já para a segunda metade da era trecentista, porquanto Ibne Khaldun também não fala de Nul Lamta, ao passo que descreve Tagaoste “grande empório de escravos e mercadorias” (251).

Na encosta da serra, os quatro castelos de Ofram, entre si à distância de três milhas, e a duas jornadas de Tagaoste, alcançaram-se junto a um pequeno rio que seca durante o verão: é o uede Saiade, afluente da margem esquerda do Não (Assaca), o qual nasce no Anti-Atlas (252). O terreno não produz grãos, de que há portanto grande carestia e escassez; a única produção agrícola são as tâmaras, de que há abundância. Mas perto, no Anti-Atlas, encontra-se cobre; com êste metal, os metalúrgicos dos “castelos” fabricam vários objetos que são vendidos para o Sudão. A Ofram vinha ter um dos ramos da rota trans-saariana que passava por Tagaza (V. Fernandes, fol. 75 v.), e por isso alinhava com Tagaoste, embora se lhe não comparasse, como entreposto comercial no limite entre os sedentários marroquinos e os nômadas saarianos (253). Realiza-se mercado tôdas as semanas, sucessivamente em cada um dos quatro castelos, de modo a completar o ciclo num mês. No século XVI — duas primeiras décadas — os habitantes de Ofram iam vender tâmaras aos portugueses ao Castelo de Santa Cruz do Cabo de Guer, a trôco de panos e tecidos grosseiros; levavam em seguida os têxteis à Terra dos Negros — a Ualata e Tombuctu. Ignoramos a data do início destas relações

(247). — “On y fabrique des vêtements appelés sefsarié, et des barnous dont une paire se paye environ cinquante dinars”. Edrici, I 206.

(248). — Bernard, I pág. 167.

(249). — *Leão-o-Africano*, II, 139.

(250). — Veja *Hist. econômica e social da expansão*, tomo I, pág. 124.

(251). — M C A E A, t. IV f. 1343 v.

(252). — Cf. Ibne Khaldun, M C A A A, t. IV f. 1343 v.

(253). — Cénival e Monod, pág. 157.

comerciais com os portugueses. Em Ofram havia um templo com seus sacerdotes, e habitava um juiz (254).

O Djebel Bani, que corre ao Meio Dia paralelamente ao Anti-Atlas,

“est une longue arête rocheuse de grés noircis, large de 1 à 2 kilomètres, s'élevant de 200 à 300 mètres au-dessus du Sahara environnant” (255). “Les gorges étroites que les rivières conséquentes ont entaillées dans ceite longue “côte” concentrent les eaux du versant sud de l'Anti-Atlas; l'irrigation se trouve ainsi facilitée au débouché aval de la gorge: à chacun de ces “foum” correspond une palmeraie. Ainsi vivent les oasis de Tissint, de Tintaxart, Aqqa, Tisgui el Haratin” (256).

De um dêstes palmares — o de Akka — deixou-nos Leão-o-Africano rápida descrição. Akka compõe-se de três pequenos *ksur* (castelos): outrora bem povoados, ermaram-se depois devido às querelas, mas voltaram a povoar-se. A única produção é a de tâmaras; por isso, estas gentes vivem na maior pobreza que se possa conceber (257).

No curso do uede Draa ou Dar'a distinguem-se nitidamente duas secções. Resulta o Draa da confluência, na região de Urzazate, do rio Dadés e seu afluente Mgum, que nascem no Alto Atlas, com o rio Idermi, que recebe águas da mesma cordilheira e do Anti-Atlas. Corre primeiro de Noroeste para Sudeste, entre o Anti-Atlas e o Djebel Sagho, e depois de Norte para Sul, atravessando o Djebel Bani no desfiladeiro de Fum Takka. Todo êste percurso, que forma a zona mais rica, é apertado entre elevações montanhosas, atormentado. Em seguida, o Draa forma cotovelo para Sudoeste, até chegar ao lago dos Debiaiate; aqui o rio passa por uma planície e inflete em seguida para Ocidente: nesta segunda parte do seu percurso, que o conduz ao Atlântico, seca frequentemente e só corre em ocasiões de grande cheia. O contraste entre as duas secções é o que vai do rico vale fluvial ao cordão de oásis só de tempos a tempos unidos pelas águas. Enquanto caminha de Levante para Poente, o uede Draa recebe alguns afluentes que descem do Anti-Atlas; êstes riachos secundários vêm formar boas terras de aluvião, denominadas *mader*.

“Par les très bonnes années, ces madder donnent lieu à des concentrations anormales de populations; non seulement les Berbères sédentaires des oasis du Bani,

(254). — Leão-o-Africano, II 96-97.

(255). — Bernard, I 168.

(256). — Célérier, 82; cf. Bernard, I 168.

(257). — Leão-o-Africano, II 97-98.

mais encore les grands nomades Arabes du Sud du Dra, viennent y faire de rapides cultures" (258).

De inverno o rio transborda, por causa das chuvas na serra, mas de verão as águas estão tão baixas que se atravessa a vau. As cheias é que regam a região; diz Leão-o-Africano que devem as águas subir em abril, de contrário inutilizam os trabalhos agrícolas (259). Pelas margens do Draa estendem-se os bosques de tamaras "em número infinito" (260). Aldeias e "castelos" (*ksur*) acumulam-se ao longo do seu percurso, sobretudo no flanco oposto ao Anti-Atlas: podem contar-se umas quatro ou cinco cidades, habitadas por mercadores quer naturais quer de outros países e regiões; nestes aglomerados maiores encontram-se boas lojas, bem fornecidas. No curso superior do Draa a melhor cidade é, segundo Leão-o-Africano, Beni Sabih, cercada de muralhas; divide-se o centro urbano em duas partes e é governado por vários chefes que entre si guerreiam por causa da distribuição da água quando as chuvas caem (261). Mas, segundo Ibne Khaldun, a capital da região de Dar'a é Tedenês — cidade que Leão-o-Africano não nomeia, ou porque no século que o separa do historiador dos berberes Tedenês decaiu, ou porque se situa no curso inferior do rio, que o geógrafo quinhentista parece não descrever, ou porque se inclui nas 4 ou 5 de que fala genéricamente sem dar nomes. Tedenês, cidade populosa, era, o grande mercado do índigo ou anil produzido na região (262). A população de Draa compunha-se dos agricultores, dos comerciantes, de alguns artífices e judeus oureiros, e de escravos negros e mestiços dos dois sexos (263).

Alimentavam-se os sedentários principalmente de tâmaras e papas de cevada. As tâmaras eram produzidas na região e primavam pela sua qualidade; a cevada também era conseguida nos próprios locais de consumo. Pão, só nas bodas e festas solenes (264); na verdade, o trigo custava muito caro, pois vinha de Fez em troca de tâmaras. Mas a alimentação incluía ainda alguma carne de bode, de camelo ou de avestruz (estas duas obtidas dos nômades) (265).

(258). — Célérier, *Le Maroc*, págs. 80-81; Bernard, I 169.

(259). — *De l'Afrique*, II, pág. 98.

(260). — Ibne Khaldun, *Histoire des Berbères*; Leão-o-Africano, II, 98.

(261). — Leão-o-Africano, II, 98-100.

(262). — "Le fleuve de Dar'a, après s'être perdu dans les sables et le désert entre Sidjilmasa et la région d'al-Sous, reprend sa course et va se jeter dans la mer entre Noun et Wadan. Ses bords sont couverts de bourgades entourées de dattiers en quantité innombrable. La capitale de cette région est Tadanast, très grande localité, qui est fréquenté par des marchands qui y vont acheter de l'indigo..." Ibne Khaldun, *Histoire des Berbères* (M C A E A, fol. 1342).

(263). — Leão-o-Africano, II, 100 e 102.

(264). — Idem, 99.

(265). — Idem, 101.

Além do plantio e tratamento das tamareiras e do cultivo em pequena escala da cevada, criava-se um pequeno número de cabras que se alimentavam com caroços de tâmara (266).

A região de Dar'a avultava economicamente pela produção das tâmaras e do índigo. As tâmaras eram vendidas para Fez, recebendo-se parte do pagamento em grãos; também as trocavam com os nômadas quer por carne de camelo e de avestruz quer por escravos negros. Apesar de tudo, o índigo destacava-se como principal mercadoria de exportação, que se produzia em elevadas quantidades (267); a tal ponto que o rabino Ibrahim ben Zamiru escrevia de Safim a 12 de outubro de 1512:

“...e das terras de anill, que se chama terra de Dara, que he junto com ho deserto” (268).

Compravam-no os mercadores de Fez e Tremecem (269), no entanto a partir do início do século XVI também se escoava pelos portos da costa do Sus.

Do século XII, deixou-nos Edrici o seguinte quadro de conjunto:

“Cette dernière [Dar'a] n'est entourée ni de murs, ni de fossées; c'est seulement une réunion de bourgs rapprochés les uns des autres et de champs cultivés. Elle est habitée par des tribus berbères de race mélangée, et est située sur la rivière de Sedjelmasa (270). On y cultive le henna', le cumfin, le panais et l'indigo. Le henna y réussit surtout et parvient à la hauteur d'un arbre; de sorte que, pour en recueillir la graine, on est obligé de se servir d'échelles; cette graine est ensuite exportée dans tous les pays. Ce climat (le troisième) est le seul où l'on recueille la graine du henna. Quant à l'indigo, celui que l'on cultive à Dar'a n'est pas très-bon, mais on en fait usage dans le Maghreb parce qu'il est à bas prix: il arrive souvent qu'on le mêle avec de l'indigo étranger de qualité supérieure et qu'on le vende ainsi mélangé” (I, pág. 208).

3. — *Os oásis dos uedes Rheris e Ziz (Tafilelte). Sidjilmessa: De feira de nômades a cidade primeiro empório do comércio de ouro e escravos entre o Sudão e Marrocos e principal mercado das tâmaras.*

(266). — Idem, 101.

(267). — “Il y a un autre fleuve, qui sort de ces mêmes montagnes [Daran = Anti-Atlas] et qui se dirige vers le sud en parcourant la région de Dar'a, laquelle abonde en dattiers et se distingue plus spécialement par la cultivation de l'indigo et la fabrication de cette matière. Les bourgades qui constituent cette région sont situées sur le flanc opposé de la montagne Daran”. (M C A E A, fol. 1343).

(268). — *Sources inédites de l'histoire du Maroc* — Portugal, t. I, p. 357.

(269). — *Leão-o-Africano*, II, 101.

(270). — Manifesto enganoso, pois Sidjilmessa fica no Tafilelte. Atrás Edrici dissera que Dar'a fica a 3 jornadas “fortes” de Sidjilmessa; a distância de mais de 90 milhas é a que medeia efetivamente entre o Tafilelte e o rio Draa.

A segunda grande região de tamareiras, para quem caminha de Ocidente para Nascente, é a da rede hidrográfica do Todra: Ferkla, Rheris e Ziz, os dois primeiros continuam um do outro e ramo do terceiro, que por seu turno é afluente do último. O alto vale do Todra forma a via de comunicação para o alto vale do Dadés.

Na pequena província de Todra contavam-se quatro castelos e dez aldeias. Produziam-se com abundância tâmaras, uvas e figos. A população compunha-se de lavradores, curtidores e correiros; Leão-o-Africano classifica de pobre o seu nível de vida (271).

Em Ferkla (ou Farcala), igualmente pequena província no afluente do Rheris, existiam, ao que parece, três castelos e cinco aldeias. É a região pródiga de tâmaras e outros frutos, mas quase não tem grãos. A opressão tributária exercida pelos árabes concorria com a escassez de cereais para a pobreza da vida dos sedentários (272).

Ao sair da montanha do Alto-Atlas, o rio Ziz corre pela província Kheneg (= garganta). Na faixa de terreno que vai do rio ao sopé da serra cultivava-se cevada; mas é grande a carestia de cereais. As tamareiras representam pequeno valor nesta província. A criação de cabras é que é farta nas encostas, abrigando-se o gado, durante o inverno, em cavernas. A população das aldeias nas terras baixas está sujeita aos árabes; e os tributos que paga empobrecem-na; mas as gentes dos castelos de Zehbel, Gastir e Tamaracoste mantêm-se livres e conseguem até a opulência com as peagens que cobram aos mercadores em trânsito: um ducado por camelo (273).

Com Kheneg confina a província de Matgara, também atravessada pelo Ziz; os seus habitantes arrastam uma existência mísera. Entre Matgara e Sidjilmessa fica a região de Retebe toda coberta de tamareiras e salpicada de uma infinidade de *ksur* e aldeias (274); os árabes senhoreiam a população; a um dos lados dilata-se o deserto arenoso, a outro eleva-se a montanha desabitada (275).

Desde a confluência do Todra, o rio Rheris corre para Sul quase paralelamente ao Ziz, até se curvar rapidamente para Leste e nele ir desembocar. Este trecho dos dois rios é uma depressão entre *hammadas* e recebeu o nome de Tafilelte ou Tafilalette; o seu eixo é:

(271). — II, 112-113.

(272). — Idem, II, 113.

(273). — Idem, II, 103-104.

(274). — Ainda no nosso século é um distrito populoso. Célérier, pág. 79.

(275). — Leão-o-Africano, II, 105-106.

“une grande palmeraie allongée du nord au sud sur une vingtaine de kilomètres et large d’une quinzaine” (276).

Designava-se outrora por província de Sidjilmessa, do nome da mais célebre cidade do tráfico trans-saariano. Diz Célérier que os indígenas exageravam fortemente a sua prosperidade e importância, e computa em 100.000 habitantes a sua população, distribuída por 150 *ksur* (o que dá, em média, 66 habitantes por *ksur*), afirmando que o volume demográfico só se mantém pela imigração. Mas no século XV, antes da decadência de Sidjilmessa, a prosperidade e o volume demográfico do Tafilelte eram certamente muito maiores, pois a província constituía então o mais importante entreposto do comércio entre a Terra dos Negros e Marrocos. Apresenta Leão-o-Africano o número de 350 “castelos”, fora as aldeias: com esta restrição, parece muitíssimo exagerado, mas já o seria menos se a riscássemos; é de admitir que o número dos *ksur* no século XV excedia o número atual; além disso, existiam cidades que depois desapareceram ou se reduziram a “castelos”.

Os três principais “castelos” são Tenegente, Tebuhasante e Mamum. O primeiro conta 1.000 fogos e inscreve na sua população alguns mesteiros. O segundo, ao Sul do anterior, é de todos o maior e o mais povoado, com mercadores judeus e artífices. Mamum também é grande e bem habitado; há aqui alguns gentis-homens ricos, além dos comerciantes mouros e judeus que traficam com a Terra dos Negros, aonde vão com mercadorias da Barbaria e donde trazem ouro e escravos; êste comércio explica que em Mamum se cunhe moeda de ouro e moeda de prata. Todavia a riqueza não aplacava as querelas constantes entre os grupos. A alimentação consta principalmente de tâmaras e alguns grãos. A água do rio é canalizada por condutos para ir regar as terras; mas no verão o rio seca e falta a água. Os arredores estão cobertos de tamareiras (277).

Em 757-758 berberes Miknaça, pertencentes portanto à mesma tribo que os que fundariam Maquinez, edificaram a cidade de Sidjilmessa numa planície então inculta da bacia do Ziz, onde costumavam reunir-se em datas fixas para vender os seus produtos e comprar odres de peles (278). Os Miknaça eram nômades cameleiros, inscrevendo-se, por conseguinte, na família Botre dos berberes, e deambulavam no pré-Sáara marroquino e nas estepes do Meluia, tendo certamente entrado já em contacto, ao Sul, com os reinos negros. Por outras palavras, a fundação de Sidjilmessa,

(276). — Célérier, pág. 79.

(277). — Leão-o-Africano, II, 107-108.

(278). — El-Békri, págs. 284-285 (da edição de 1913); cf. Gautier, *Le Passé*, págs. 317-318; La Roncière, I, pág. 82.

como a de Aghmate na mesma época e a de Messa no século anterior, traduz o grande fato novo, decisivo na vida de Marrocos, do estabelecimento de relações regulares entre a Guiné e o Norte graças a caravanas de camelheiros. A planície inculta vestiu-se de bellissimo palmar — e o aparecimento dos palmares, que não existiam no período romano, deve-se precisamente aos grupos humanos ligados ao camelo, como mostrou Gautier; judaizados ou não. A cidade, que evolviu de uma feira, nasce precisamente pela sedentarização de parte desses grupos mercadores destinada a criar um centro de distribuição das mercadorias sudanesas para o Maghrebe-el-aksa e de concentração dos artigos marroquinos a enviar para o Senegal e o Níger. Ao dealbar o século IX a cidade pode considerar-se plenamente formada, e na centúria seguinte vemos por Ibne Háucal que florescia já como empório de primeira grandeza, qualificando-a o geógrafo de “muito povoada”; era então capital de um reino que os Fatímidas de Kairuam esfrangalharam, depois de o movimento que representavam ter tido ali um dos seus pontos de partida.

No meio de jardins, vergéis e campos, aparecia imponente, na primeira metade do século XII, com muitos palácios e magníficos prédios sem número acotovelando-se uns aos outros; cidade comercial, sem sequer uma cidadela a protegê-la. Mas já então a agitavam convulsões sociais, e esses motins tinham arruinado alguns dos seus bairros (Edrici, I 206-207). Rápidamente se recompôs, porém, e na primeira metade da era trecentista encontrava-se em pleno apogeu. Com efeito, Al-Omari, numa hipérbole favorita dos escritores muçulmanos, classifica-a de uma das maiores e mais importantes cidades do Maghrebe e das mais ilustres do universo (279). Também Ibne Batuta, que a visitou, se entusiasmou com Sidjilmessa, considerando-a “uma das cidades mais bonitas” (280). Apresentava agora, todavia, um aspecto diferente do que revestira no tempo de Edrici, pois estava rodeada de muralhas onde se abriam altas portas, e contava castelos sólidos; os prédios deviam ser de mais de um andar, visto que Al-Omari fala nos “edifícios altos” (281). Em 1413 ainda Al-Bakuwi gaba a sua extraordinária opulência (282).

Mas Leão-o-Africano, no princípio de Quinhentos, viu-a já em ruínas, conquanto estas patenteassem apesar de tudo a soberba dos templos e a sumptuosidade dos colégios, e o geógrafo ainda colhesse a memória das antigas riqueza e densidade populacional. No intervalo dera-se a decadência de Sidjilmessa e a dispersão dos seus habitantes pelos campos e pelos *ksur*; segundo o escritor

(279). — *Massalik*, pág. 200.

(280). — *Voyages*, t. IV, p. 376.

(281). — *Massalik*, p. 200. Também Leão-o-Africano refere as muralhas (II, 109).

(282). — *M C A E A*, IV, f. 1366.

arábigo a ruína da cidade procedera de uma revolta do povo (283); ignoramos, infelizmente, as condições, características e repercussões dessa sublevação social, análoga talvez à da primeira metade do século XII; mas afigura-se-me legítimo relacionar tal declínio com as vicissitudes do tráfico trans-saariano, embora não nos seja possível determinar concretamente quais foram, bem como com a constituição social de um centro onde as grandes fortunas fruto do negócio encontravam face a face a miséria dos camponeses, sendo ainda importante o antagonismo do nômade que sofre as privações do deserto, e do mercador com palácio na cidade. Está neste último caso o ataque à cidade feito pelos árabes D'ui'Amran, Monabbah e H'osain em 1362; julga-se correntemente que destruíram por completo Sidjilmessa, que assim teria morrido, o que talvez não corresponda bem à realidade. O próprio nome de Sidjilmessa desaparece entre 1515 e 1540, substituído pelo de Tafilelte, dos berberes Filalah (284); e é só este nome de Tafilelte que a descrição anônima de Marrocos de 1596 conhece. O novo topônimo lê-se pela primeira vez na *Crônica do Infante Santo* e na *Crônica da Guiné* (meados do século XV).

O clima da província é são devido à proximidade do deserto; assim fala Al-Omari, e Leão-o-Africano corrobora-o ao anotar que o ar é bom e temperado, no entanto com a restrição de que o inverno é muito úmido. Fica Sidjilmessa numa planície onde afloram formações salinas (285) e que se espraia entre extensões arenosas. O rio Zis atravessa a cidade e nas suas margens estendem-se os campos cultivados, os jardins e os palmares de tamareiras: abrange a área de agricultura e silvicultura 12 *farsaks* em todos os sentidos (286).

Periódicamente o caudal do rio avoluma-se, produzindo-se inundações, para de novo baixar, deixando as terras a descoberto (287). Consoante nos informa Edrici (I, 206), as águas destas cheias são aproveitadas para a agricultura do mesmo modo por que os egípcios aproveitam as das cheias do Nilo; quer dizer que se construía uma rede de canais e açudes para distribuir e reter as águas (288). A seguir à inundação, os berberes semeiam os campos, deixando-os em pousio depois da colheita até a cheia do ano seguinte. As-

(283). — Leão-o-Africano, II, 109-110, e 102-103.

(284). — Massignon, p. 259.

(285). — El-Békri, p. 282 (da ed. 1913); Al-Dimashqui, M C A E A, f. 1203; Al-Omari, p. 200.

(286). — "Sidjilmessa — long. 17° 0', lat. 31° 30'. Ville dans le sud du Maghreb, du côté du pays des Soudan, située dans une rupture de la montagne Daran, au milieu du sable. Il y a un grand fleuve, au bord duquel on a planté des jardins et des dattiers. Les champs cultivés s'étendent sur 12 *farsaks* dans tous les sens". Al-Bakuwi, 1413 (M C A E A, IV, f. 1365).

(287). — As cheias do Zis são mencionadas por Ibne Háucal (séc. X). El-Békri (séc. XI), Edrici (séc. XII, t. 2, p. 206), Al-Dimashqui (M C A E A, f. 1203) e Al-Omari (p. 201).

(288). — Cf. La Roncière, I, p. 82.

sim estão garantidas colheitas certas e abundantes (chega-se a falar em produtividade de 100 por 1!). Parece que se dava mesmo a sementeira espontânea, sem intervenção humana, de modo que chegam a desenvolver-se naturalmente messes durante três a sete anos seguidos, fora de quaisquer lides agrícolas; esta tradição é referida desde Ibne Háucal por quase todos os geógrafos muçulmanos e não é completamente inverossímil, dado o que sabemos da produção espontânea na bacia nilótica; mas o facto possível revestiu forma lendária transfigurada.

A irrigação dos campos graças às águas da cheia permitia ainda a cultura do algodoeiro, do hena, do cominho e da pastinaca: pelo menos assim era no século XII (Edrici, I 207), pois quanto aos séculos XIV e XVI nem Al-Omari nem Leão-o-Africano mencionam estas culturas, o que aliás não prova que tivessem desaparecido. Havia também toda espécie de frutos copiosamente (El-Békri), bem como uvas, que se secavam para passas, e parece mesmo que se cultivavam hortas com legumes verdes, mau grado a pobreza do terreno e a rudeza dos habitantes (289).

A produção agrícola de maior valor são, contudo, as tâmaras, apreciadas como excelsa especialidade. Já Edrici gabava

“uma espécie de tâmaras verdes chamada *el-buni*, cujos caroços são muito pequenos, a qual ultrapassa em doçura todos os frutos” (I 206-207).

Segundo o viajante Ibne Batuta, a qualidade das tâmaras de Sidjilmessa é superior à das de Basra, sendo ambas as regiões comparáveis quanto à abundância da produção. Então a espécie chamada *irar* não tinha confrônto em nenhuma outra parte do mundo (290).

E' possível que no Tafilelte se extraísse sal, pois as fontes falam-nos por um lado de salinas, e por outro da exportação do sal para a Guiné. De metais é todavia a região inteiramente desprovida; mas trabalhavam-se os metais de Dar'a e do Atlas, e como indústria ainda havia a tecelagem de lanifícios, que utilizava como matéria-prima a lã dos rebanhos de uma região atlásica, a 3 jornadas de Sidjilmessa; aqui a peça de tecido vem a custar vinte mitecais (El-Békri).

Sidjilmessa nasceu e prosperou, não como foco de comarca agrícola ou núcleo fabril, mas sim como centro comercial ligado ao tráfico longínquo. Al-Omari define-a lapidarmente

(289). — Al-Omari, p. 201.

(290). — Ibne Batuta, *Voyages*, t. IV, p. 376: “Or j'arrivai à la ville de Sidjilmaçah, une des cités les plus jolies. On y trouve des dattes en grande quantité et fort bonnes. La ville de Basrah l'emporte sous le rapport de l'abondance des dattes; mais celles de Segelmessa sont meilleures. Elle en produit surtout une espèce appelées *irar*, qui n'a pas sa pareille dans tout l'univers”.

“a porta do Sáara para o país dos negros e donde vem o ouro”.

Era, em suma, o grande mercado do ouro, dos escravos e das tâmaras. Para o Sul já não se encontravam quaisquer territórios cultivados nem povoações, excepto Tabelberte: estava-se nos confins do deserto. E' Sidjilmessa um grande nó de vias de comunicação. Pelo vale do Ferkla e Todra e através das gargantas do Anti-Atlas articula-se às cidades de Marrocos e Aghmate numa viagem de 8 jornadas; para o Norte liga-se às estepes do Meluia e por elas ao “corredor” de Taza, a um lado, e a Tremecem, a outro; a Sudoeste comunica com a rica região de Dar'a, e por seu intermédio com o Sus; a Sudeste, por Tabelberte, tem relações com o Tuate; e as caravanas dela partem em direção ao Sul.

Para o Maghrebe exportava Sidjilmessa, no século XII, algodão, cominho, hena e pastinaca (291). Mas a principal mercadoria que daqui irradiava para tôda a Barbária eram as tâmaras, que desde cedo se instalaram ainda no mercado europeu, pois já em 1237 seguiam para a Flandres, para Bruges (292). Eram principalmente as tribos árabes Monabbah e D'ui'Amran que se consagravam a ir vender ao reino de Fez as tâmaras de Sidjilmessa; trazendo de lá para aqui mantimentos (Leão-o-Africano, I p. 41). Nas serras atlásicas desta rota demoravam os H'osain, já sedentarizados, vivendo em *ksur* e cidades, e que contavam 6.000 de cavallo (idem, I 45). Dos três *ksur* de mineiros Beni Besseri, no sopé do Atlas, vinha o ferro para Sidjilmessa (293); êste centro abastecia-se de metais igualmente na região de Dar'a, que lhe estava sujeita do ponto de vista tributário (294).

Todavia o negócio de maior vulto era o do Sudão (295). De Sidjilmessa os mercadores partiam para a Terra dos Negros com sal, cobre e cauris — as principais mercadorias, pois também seguiam contas e anéis de vidro, braceletes e madeira de pinho. O cobre ia em parte já manufaturado em anéis e argolas (296).

(291). — Edrici, I, 206-207.

(292). — La Roncière, I, 110.

(293). — Leão-o-Africano, II, 115.

(294). — El-Békri, p. 286 (da ed. 1913); Gautier, *Passé*, p. 318.

(295). — “Les habitants de la ville sont extrêmement riches, parce qu'ils vivent sur la route menant à Chana et autres “villes d'or”. Al Bakuwi 1413 (M C A E A, IV, f. 1366).

Leão-o-Africano afirma do mesmo modo que a riqueza de Sidjilmessa provinha de comerciar com os negros (II, p. 110).

(296). — “La ville de Sidjilmassa est à l'extrémité du pays habité, il n'y en a plus au sud de cette ville. C'est par elle que les marchands s'en vont au pays des noirs avec le sel, le cuivre et les cauries, et qu'ils en reviennent avec de l'or”. Al-Omari 1343-1349 (págs. 201-202).

“La distance entre Sidjilmassa et ce pays [Soudan] est de trois mo's. Les marchands de cette ville s'y rendent avec grandes privations, en emportant comme marchandise le sel et le bois de pin, ainsi que des perles de verre, des bracelets et des bagues en verre, et des anneaux de cuivre”. Al-Bakuwi 1413 (M C A E A, IV, f. 1365 v).

A mercadoria de retôrno era o ouro, de que Sidjilmessa era o grande mercado distribuidor a todo o Maghrebe ocidental e central. Os camelos regressavam da Guiné completamente ajoujados de metal amarelo obtido a trôco de artigos sem valor, pelo que os comerciantes encaixavam lucros avultadíssimos — sem os quais não se resignariam a suportar os perigos e fadigas da viagem (297). Por isso os habitantes de Sidjilmessa são opulentos, a tal ponto que já no século X Ibne Háucal viu em Audaghoste, nas mãos de um mercador, uma letra de um comerciante de Sidjilmessa no valor de quarenta mil dinares. Por isso também aqui se cunhava moeda de ouro puro (298).

A opulência extraordinária desta cidade mercantil patenteia-se à evidência no fato de, juntamente com a rica região de Dar'a, pagar ao sultão de Fez, na primeira metade do século XVI, o mesmo montante de impostos que as cidades de Fez e Marrocos: 150.000 miticais (299). Aliás essa opulência ainda devia ter sido superior no século X, pois os direitos pagos pelas caravanas, o dízimo, a sisa sôbre a venda de camelos, bois e carneiros, os direitos de exportação das mercadorias com destino à Ifríquia, a Fez, ao Sus e a Aghmate, o contrato da casa da moeda e as contribuições rendiam então ao soberano Fatimida de Kairuam 40.000 dinares (Ibne Háucal). O tráfico era exercido pela classe comercial da própria cidade, embora nele participassem negociantes dos reinos de Fez e Tremecem; quer dizer, Sidjilmessa não se limitava a constituir escala na rota da Barbaria para a Guiné, era acima de tudo foco mercantil com atividade e capitais próprios.

Centro de comércio de longo raio, Sidjilmessa revestia feição cosmopolita. Diz Edrici (I 206) que é freqüentada por viajantes de todos os países. Em 1291 Gênova enviou uma embaixada a Abu Yacube e conseguiu que um mercador genovês se estabelecesse em Sidjilmessa (300). Ibne Batuta encontrou na China o irmão de um jurisconsulto que veio a conhecer na cidade do Tafilelte (301). Aliás esta constituia também grande centro cultural e religioso, aqui se preparavam os jurisconsultos para os reinos negros do Níger (302).

Também seguiam de Sidjilmessa para o Sudão panos e quinquilharia. (Delafosse, p. 156).

Já assim era no século X, atesta-o o testemunho de Ibne Háucal: "De riches caravanes partent sans cesse de Sedjelmessa pour le Soudan, et rapportent de grands profits aux habitants de cette ville".

(297). — Al-Orari, pág. 202.

(298). — La Roncière, I, 83.

(299). — Veja *Hist. econ. e social da exp.*, tomo I, pág. 133.

(300). — La Roncière, *Hist. de la Découverte de la Terre*, 82.

(301). — *Voyage*, IV, p. 376-377.

(302). — La Roncière, I, 83.

4. — *Os oásis de Tabelbala e da rêde hidrográfrica do Guir, Zulfana e Saura (Fíguigue).*

A carta de Mecia de Viladestes (1413) figura entre Sidjilmessa e o Tuate um castelo de nome Tebelbelte, que já aparece no Atlas Catalão de 1375, e fôra fundado pelos almorávidas no século XI como escala na pista daquela cidade para as cidades tuatinas (La Chapelle, p. 46); trata-se do pequeno oásis também conhecido por Tabelbala. Malfante, em 1447, gastou, ao que parece, 7 dias na viagem de Sidjilmessa para Tabelbelte, caminhando a caravana a marchas forçadas, montada em camelos. Em todo êste percurso não se encontra qualquer habitação; todo o caminho é sôbre dunas de areia, e a caravana tem de orientar-se pelo sol durante o dia e pelas estrêlas durante a noite (303). Situada em pleno deserto, à grande distância de qualquer das rêdes hidrográficas do Ziz ou do Saura mas na rota que une as suas extremidade, entre dunas de areia ao Norte e a Poente e extensões pedregosas (*hammadá*) ao Sul, Tabelbala compõe-se de alguns *ksur* pobres — três “castelos”, segundo Leão-o-Africano. Luta-se aqui com grande falta de água; pouco se cultiva a terra, conquanto se tivesse construído um equipamento hidráulico de *toggaguir* numa extensão de 15 km. (La Roncière, t. I, p. 110); pode dizer-se que de útil só as tamareiras; por isso é à abundância das tâmaras que estas gentes devem a possibilidade de existir. A alimentação reduz-se a tâmaras e água, às vêzes carne de avestruz ou de veado. A opressão exercida pelos árabes auxiliava as condições naturais a manter baixo o nível de vida dêstes sedentários. Mas os “castelos” eram populosos, e Tabelbelte tinha grande importância como escala nas rotas trans-saarianas: fazia-se muito comércio com a Terra dos Negros (304). Um enviado do Cardial que esteve em Tabelbelte antes de 1283 e cuja viagem Raimundo Lúlio relatou, encontrou aqui uma caravana de 6.000 camelos carregados de sal. Por Tabelbelte passa ainda a rota do Dar’a ao Tuate (La Roncière, t. I, p. 111).

Para Oriente do curso superior do Ziz, a pequena distância do Atlas, as gentes do *ksar* de Khasair vivem da extração do chumbo e do antimônio de um filão situado nas proximidades, e vão vender os metais a Fez (305). A extração do ferro é igualmente a principal ocupação dos habitantes dos três castelos de Beni Besseri; o metal segue para a província de Sidjilmessa; é o território de Beni Besseri estéril de grãos e tâmaras, de modo que as aldeias

(303). — Idem, 151.

(304). — Leão-o-Africano, II, 112.

(305). — Idem, II, 114.

assumem êsse caráter mineiro; a população está sujeita ao senhor de Deddu (306).

Os uedes Guir, Zulfana e Saura formam a terceira rêde hidrográfrica com que se depara ao caminhar de Poente para Nascente, “a principal linha de água que se encontra no deserto entre o Atlântico e o Nilo”. O Guir constitui um leque de afluentes que correm pela vertente meridional do Atlas e pelo Sudoeste dos altos planaltos do Marrocos oriental (307). No conjunto, a faixa do Guir carece de cereais e dispõe de tâmaras em abundância, só permitindo uma existência pobre aos sedentários que nela habitam. Os árabes dos castelos de Mazaligue e Abuhmam vivem em miséria extrema; sem nenhuns grãos, tôda a sua riqueza reside nas tamareiras (308). A pobreza acentuada caracteriza também os habitantes dos 8 pequenos *ksur* e mais de 15 aldeias de Beni Gumi; o seu recurso consiste em irem para Fez ganhar algum dinheiro no exercício de mesteres vis; com êsse magro pecúlio compra cada qual um cavalo que entrega aos mercadores que vão traficar à Terra dos Negros e que em troca lhe trazem algum ouro (309). Melhoria de vida encontra-se nos 3 grandes castelos e nas aldeias de Guachde, embora tributários aos árabes; com efeito, além da extraordinária abundância de tâmaras, estas gentes obtêm da terra algum cereal e enviam as suas mercadorias ao Sudão (310).

O ramo oriental desta rêde hidrográfrica é o uede Zulfana,

“pauvre rivière souvent à sec”. “C’est dans son aire de drainage que se trouve la grande palmeraie de Figuig. Figuig compte 16.000 habitants, inégalement répartis en 7 ksour; l’eau d’irrigation est amenée par des “foggara”, galeries souterraines qui ont capté des sources assez abondantes de la base do Djorf” (311).

Figuigue era considerada, na segunda metade do século XIV, uma das principais cidades do Sáara. Como fica em pleno deserto, subtrai-se à influência política das dinastias, isto é, dos reinos mediterrâneos. Segundo Ibne Khaldun, de Tremecem a Figuigue gastam-se seis jornadas na viagem. E’ Figuigue uma grande cidade formada pela reunião de várias aldeias próximas umas das outras. Aqui afluem todos os produtos da civilização nômade (312). As mulheres urdem e tramam tecidos tão delicados que

(306). — Idem, II, 115.

(307). — Célérier, *ob. cit.*, pág. 79.

(308). — Leão-o-Africano, II, 114.

(309). — Idem, II, 113.

(310). — Idem, II, 115.

(311). — Célérier, pág. 79.

(312). — “...Fikik, au sud de Tilimsa, à six journées de distance. Ce sont plusieurs bourgades rapprochées les unes des autres et formant une grande ville dans laquelle affluent tous les produits de la civilisation nomade. Elle est considérée comme une des principales villes de la Sahara, qui, à cause de sa

parecem de sêda, os quais servem de cobertas para camas; êsses tecidos são vendidos por tôda a Barbaria, em especial para Fez e Tremecem, a altos preços. Na cidade existem mercadores que traficam com a Guiné. Para mais, a terra produz tâmaras em grande fartura (313).

5. — *Os oásis do Tuate, Gurarah e Tidikelte.*

O uede Saura prolonga para o Sul o uede Guir, que pode considerar-se apenas como o curso superior do primeiro; assim o considerava Ibne Khaldun, a quem devemos a seguinte descrição do trajeto do rio:

“De la même source que ce fleuve [o Meluia] il sort un autre grand fleuve qui descend vers le sud avec une petite inclinaison vers l'est; il traverse al-'Araq sans changer son cours et atteint ensuite Bouda. Après ce dernier lieu le fleuve arrive à Tamantit, région qui porte aujourd'hui le nom de Kir, et dont les bourgades sont au bord du fleuve. Enfin le fleuve se perd dans le désert en s'enfonçant dans les sables; au lieu où il disparaît il y a des tourgades entourées de palmiers, qui s'appellent Rakan” (314).

Este trecho revela-nos que na segunda metade do século XIV o uede Saura descia até regiões mais meridionais do que na atualidade; chegou-se a pensar que em tempos pré-históricos atravessaria todo o Sáara e confluiria ao Níger (315). Mas investigações posteriores tendem a mostrar que o Tanezrufte, em vez de ser uma bacia de difusão dos uedes quaternários, um reg de transporte fluvial, é sim um planalto pedregoso de dissociação de um substrato rochoso, sem qualquer depósito lacustre; os grandes uedes quaternários desaguavam na sua periferia setentrional, sem o atravessarem (Monod). Seja como fôr, o rio Saura captaria então todos os cursos de água desde o maciço dos Eglab a Oeste até o Ahoggar a Leste; o Ziz era seu afluente. Mesmo reduzido, o Zusfana-Saura abre uma grande estrada de comunicação desde Figueue a In Salah, cêrca de 500 a 600 km. conquistados ao deserto.

O rio Zusfana-Saura vem correr a Oeste do planalto calcáreo do Tademaite, de cujo sopé surge a água da toalha subterrânea formada por infiltração das chuvas que nele caem. O planalto estéril fica por isso rodeado, por Norte, Poente e Sul, por um semicírculo fértil de oásis: Gurarah, Tuate e Tidikelte, na planície

position éloignée dans le désert, peut se soustraire à l'influence politique des dynasties...” Ibne Khaldun, *Histoire des Berbères* (M C A E A, fol. 1343 v).

(313). — Leão-o-Africano, II, 115-116.

(314). — *Histoire des Berbères* (M C A E A, fol. 1343).

(315). — M. Delafosse (*Hespéris* 1924, pág. 153).

exterior ao Tademaite ou nas suas faldas, a leste de uma formação salinosa — *sebkha*.

A região meridional do uede Saura constituia o oásis de Tuate. Todavia, não é propriamente ao rio que os oásis tuatianos devem a vida, mas sim às águas que brotam na base do planalto calcáreo de Tademaite, nos grés infracretáceos (Bernard, p. 370). Em todo o caso, na Idade Média o curso do uede era mais comprido e o seu caudal maior, pelo que a sua importância sobreleva então a que hoje tem. O palmar estende-se em faixa retilínea de 200 km., que conta na atualidade 450.000 palmeiras (idem).

A região não produz cereais, nem manteiga, nem azeite, nem carne: é que não se pratica o pastoreio de gado, nem a agricultura, mas tão só a silvicultura. Se os palmares fornecem tâmaras em profusão, estas são todavia de qualidade inferior às de Sidjilmesa. A grande massa alimenta-se, por isso, principalmente de tâmaras e de gafanhotos, que proliferam nesta área; os habitantes armazenavam-nos, como armazenavam aquelas (316). Condições gerais de vida miseráveis. Para os ricos há a mais a carne de camelo, obtida a elevado preço dos nômades cameleiros, e o trigo e a cevada importados da Barbaria por intermédio dos árabes, aliás em pequena quantidade: claro que o custo de importação não podia tornar os cereais acessíveis (317).

Da *sebkha* a poente extraía-se sal (318).

Existiam no Tuate duas cidades, Buda e Tamentite, a última a Sudeste da anterior (319). Ao todo contavam-se, porém, pelo menos cerca de duzentas povoações, segundo o cálculo de Ibne Khaldun; mas Martin calcula o número de *ksur* de Tamentite, a antiga capital do Tuate, em 366, cada qual com sua mesquita, seu minarete, sua *foggara*.

No Tuate operou-se uma curiosa evolução relacionada com a história das rotas saarianas. A princípio Buda é que era o grande centro comercial, como escala do tráfico do Maghrebe com Ualata. Mas as depredações cometidas pelos árabes que nomadizavam entre o Tuate e o Sus forçaram as caravanas a mudar de rota, e a nova pista passava, na segunda metade do século XIV (320) e

(316). — Ibne Batuta, *Voyages*, IV, pág. 447.

(317). — Carta de Malfante.

(318). — Ibne Batuta, *Voyages*, IV, p. 447.

(319). — Na Carta de Macia de Viladestes (1413), Buda está colocada a Sudeste de Tamentite por manifesto engano; também Tagaza aparece a Sudeste do Buda, quando não há dúvida de que na realidade se situava a Sudoeste.

(320). — "Autrefois c'était la localité de Bouda, la plus occidentale des bourgades nomm es, qui était la station pour les caravanes se dirigeant vers Walatan, frontière la plus avanc e du territoire de Malli. Mais elle cessa d'être fr quent e à cause des brigandages commis par les Arabes d'al-Sous envers les caravanes: Ainsi on a abandonn  cette route en faveur de la route qui m ne au pays des Soudan par Tamantit". Ibne Khaldun, *Histoire des Berb res* (M C A E A, fol. 1343 v).

em meados do século XV (321), por Tamentite dirigindo-se a Es Suk. Tal transformação deu-se depois de 1352, porquanto Ibne Batuta ainda não refere Tamentite, e, pelo contrário, descreve Buda como florescente.

Tamentite, cidade muito povoada, está cercada por uma muralha única, mas divide-se em dezoito secções ou bairros; cada secção tem o seu chefe ou cabeça e vive com uma certa autonomia, mostrando-se ciosa das suas prerrogativas. O chefe de cada grupo tem a obrigação de defender, contra tudo e todos, os seus dependentes. Estes cabeças eram opulentíssimos mercadores: Malfante computou em mais de 100.000 dinares a fortuna do senhor a cuja proteção se acolheu. Um contraste social acentuado divide ricos e pobres. O governo da cidade estava nas mãos desta oligarquia (322). Os plutocratas de Tamentite ligavam-se por relações estreitas aos comerciantes da Terra dos Negros: o senhor de Malfante era irmão do maior mercador de Tombuctu.

E' que Tamentite foi, durante a segunda metade do século XIV e grande parte do século XV, a grande escápula do comércio entre o Sudão e a Barbaria. Ouçamos Ibne Khaldun:

“Ce lieu est très peuplé aujourd'hui et il sert de station pour les négociants qui font le parcours entre le Maghrib et Malli dans le pays des Soudan” (323).

Em 1447 Malfante corrobora estas informações:

“Ce territoire est une étape des pays des Maures, où les marchands apportent et vendent leurs marchandises: L'or qui y est apporté est acheté de ceux qui viennent de la côte”.

Cadamosto indica igualmente que o ouro vem de Tombuctu para o Tuat e daqui segue para Tunes e para todo êsse setor da Barbaria (Cap. XIII da *Navegação Primeira*). Do Tuat seguiam para a Guiné cobre, sal e outras mercadorias.

Mas o comércio do Tuat irradiava bem mais longe, até o Bornu: na sua carta de fevereiro de 1440 aos morabitinos daquele oásis, o sultão dêste reino lamenta que os mercadores tuatins, desde o tratado com o sultão Seghra, não tivessem voltado ao Bornu, rompendo assim com o costume de seus pais; para os atrair, além de lhes garantir salvo-conduto, concede a todos os que vierem com uma carta de recomendação dos religiosos a isenção de todos os direitos e contribuições (324). Que existiam relações regulares com Messa, Azamor, Safim, Fez, Tremecem, Tunes, Ga-

(321). — Carta de Malfante (apud La Roncière, *La Découverte de l'Afrique*, págs. 151-158).

(322). — *Idem*.

(323). — *Histoire des Berbères* (M C A E A, fol. 1343 v).

(324). — Martin, *Oasis*, págs. 122-123.

damés (?) e Tripoli de Barbaria, parece deduzir-se da carta de Malfante, pois indica a distância em jornadas a que ficam tais cidades (325).

Parece que os judeus do Tuate entravam quase sempre como intermediários neste tráfico; em elevado número, gozavam de proteção dos diferentes cabeças de grupos, que os defendiam, de modo que a sua vida corria com doçura (326). Mas a hostilidade dos Tuaregues dificultava-lhes a saída do oásis e quase os impossibilitava de partirem com as caravanas (327). O Tuate era frequentado por mercadores do Maghrebe e da Terra dos Negros, e até por comerciantes egípcios que vinham pelo Sudão. Aos intermediários do Tuate pagavam os mercadores setentrionais uma comissão de 100%. Os mercadores estrangeiros tinham, ao chegar ao Tuate, de imediatamente buscar a proteção de um dos chefes, de quem passavam a ser "clientes"; tal proteção garantia-lhes completa segurança — segurança maior mesmo do que aquela de que desfrutavam nos reinos de Tremecem e Tunes. Ao contrário do que aconteceu com Sidjilmessa, os europeus não penetraram no Tuate; o único cristão de que há notícia de aqui ter estado anteriormente ao século XIX é Antônio Malfante, enviado comercial da casa dos Centurione.

Tessebite encontra-se a Leste de Buda, além do Al'Araq (328), mas ainda no Tuate, na rota quer de Fez quer de Tremecem para Agadez. Compõe-se tão somente de quatro castelos e várias aldeias, todos muito pobres: na verdade, a região produz exclusivamente tâmaras e pequenas quantidades de cevada (329).

Para Sueste do Tuate, a ladear meridionalmente o planalto calcário, dispõem-se os oásis do Tidikelte, em parte ainda nem sequer povoados na Idade Média, em parte começando então a sê-lo mas tardiamente. In Salah seria o mais antigo aglomerado, remontando a sua fundação a antes do século XIII. E' todavia neste século que parece terem nascido os aglomerados medievais: Mansur em 1230, Atram em 1235, o "velho Sahel" em 1255, Erg Chech em 1273, Nâama em 1303. A maior parte dos *ksur* só se formará, porém, a partir do século XVII (330). Assim, o papel do Tidikelte no mundo saariano medieval não sai da insignificância (331).

(325). — Aliás os números apresentados não merecem muita confiança; são muito naturais amplas discrepâncias quanto à avaliação de distâncias segundo o tempo gasto em as percorrer.

(326). — Carta de Malfante.

(327). — Idem.

(328). — "A l'est de Bouda, au delà d'al-Araq, il y a les bourgades de Tasabit, qui font partie de celles de la Sahara" Ibne Khaldun (M C A E A, fol. 1343).

(329). — Leão-o-Africano, II, págs. 116-117. Ibne Batuta esteve em Tessabite, mas não dá informações de caráter econômico sobre a região (*Voyages*, IV, 446-447).

(330). — L. Voinot, *Le Tidikelt*, Oran, 1909. Comunicado por Th. Monod.

(331). — Corrigir em Lombard, *L'or musulman*, que fala do Tidikelte quando devia nomear Tuate e Gurarah.

Tegorarim, atualmente conhecida sob a forma Gurarah, constitui outra região-oásis que prolonga a do Tuate a Noroeste e Norte do planalto de Tademaite, entre êste e o Grande Erg Ocidental (ou Erg do Saura). Ao Gurarah convergiam no quaternário todos os uedes do Atlas de Oram, e do Tademaite. Os oásis alinham-se na separação dos terrenos primários e dos cretáceos, onde se dispõem as fontes que brotam da toalha subterrânea, sendo o Gurarah mais rico de água do que tanto o Tuate como o Tidikelte. Conta no nosso século 800.000 palmeiras. O povoamento dos oásis de Gurarah é integralmente de berberes Zenata, sedentários (332).

Segundo Ibne Khaldun, compunha-se de cêrca de 100 povoações; mas noutro passo declara que excedem 300; Leão-o-Africano apresenta os números de 50 "castelos" e de mais de 100 aldeias. Dispõem-se os aglomerados ao longo de um vale que desce de Oeste para Levante e por onde corre um rio (333). As tamarieiras constituem a principal riqueza pela sua abundância; mas há também boas terras para lavrar, que os sedentários regam com águas dos poços e estrumam com estrume de cavalo. Êste estrume é considerado tão necessário que alugam casas aos forasteiros a trôco só dos excrementos de cavalo. Ainda se pratica uma modesta criação de cabras. A alimentação consta de tâmaras, um pouco de cevada, alguma carne de camelos velhos e banha salgada; outra carne qualquer custa elevados preços.

A carne de camelo é comprada aos árabes. Os mercadores de Fez e Tremecem trazem a banha salgada, de cuja venda auferem bons lucros. Mas, além de ser freqüentada por mercadores estrangeiros, Tegorarim é região comercial com os seus próprios mercadores, que vão traficar à Terra dos Negros, especialmente a Agadez. Realizam-se mercados a que concorrem os nômades. Êste desenvolvimento comercial explica a grande opulência dos sedentários, embora obrigados a pagar leve tributo aos árabes.

Até o fim do século XV parte dêste negócio estava nas mãos de judeus muito ricos; mas em 1492 produziu-se um motim durante o qual as suas propriedades foram saqueadas e que levou à sua expulsão (334).

(332). — Bernard, 368-370.

(333). — "A l'est de Tasabit, dans la direction du Nord, il y a les bourgades de Tikourarin, dont le nombre se monte à plus de trois cents; elles sont situées dans une seule vallée qui descend de l'ouest vers l'est et où vivent des peuplades Zanata". Ibne Khaldun (M C A E A, fol. 1343).

"Un groupe de bourgades, situé à dix journées au sud de Tilimsan, est Tikourarin. Il y en a environ une centaine et elles s'élèvent sur un plateau qui borde une rivière de l'ouest à l'est". Ibne Khaldun (M C A E A, fol. 1343 v).

(334). — Leão-o-Africano, II, 117-118.

6. — Os oásis do Sáara argelino e tunisiano: *Mzabe, Uargla, Teggurte, Gadamés.*

No vale do uede Mzabe, ao longo do rio, e noutras duas depressões de um planalto calcáreo absolutamente estéril (*hammada*) que corre à altitude de 600-700 m., dispõem-se seis “castelos” e várias aldeias.

“Estes oásis do planalto cretáceo ocupam uma situação anormal e, de certo modo, contra a natureza, a qual só se explica por razões históricas. Algumas reservas de água são retidas em profundidade na linha de contacto dos calcáreos e das marnas subjacentes, mas estas toa-lhas estão muito fundo e são pouco abundantes; os poços, para as atingirem, devem descer 50 m. ou mesmo mais”. (335).

Impossível, por isso aplicar o sistema da cegonha. A água é tirada por um balde prêso a um corda que desliza numa roldana, e cuja outra ponta é puxada por um homem ou por um animal que desce uma ladeira: a inclinação da pista diminui o esforço muscular. No Fezzam emprega-se o mesmo processo (336). Por meio de barragens, utiliza-se também a água que corre acidentalmente no leito do uede Mzabe, mas passam-se anos inteiros sem que da atmosfera caia uma única gota de água, e as cheias só se produzem de treze em treze anos em média. (337). Graças a êste duplo equipamento hidráulico, os palmares chegam a somar 300.000 árvores.

Em 761 o levantino Ibne Rostem, à testa de berbêres Zenata e Houàra, todos adeptos do kharedjismo na sua forma moderada, fundava a cidade de Tiarete no Maghrebe Central (entre os meridianos de Oram e de Argel), que em breve ascendeu a capital de um reino de nômades camelheiros apoiado nela, no oásis de Uargla, pertencente aos nômades Sedrata, e no Djebel Nefuça (na Tripolitânia). Reino sem qualquer saída para o mar, caracterizadamente saariano. Em 908 os camponeses Ketama ao serviço da dinastia fatímida de Kairuam destruíram êsse império nômada, massacrando os habitantes da sua capital. Os sobreviventes refugiaram-se em Uargla, que assim floresceu no século X, e daqui, sempre perseguidos, emigraram em massa para as solidões estêreis da *hammada* do Mzabe a fim de manterem a sua liberdade e de permanecerem fiéis à sua crença ibadita, pois neste meio desolado e hostil os sedentários da Barbaria não ousavam vir inquietá-los (338).

(335). — Bernard, pág. 367.

(336). — Bernard, pág. 336; Eydoux, 48.

(337). — Bernard, pág. 367.

(338). — Gautier, *Le Passé*, págs. 318-333; G. Marçais, pág. 115.

Como acontece muitas vêzes aos grupos perseguidos por fanatismo religioso, os mzabitas especializaram-se no grande negócio e na banca. A sua prosperidade resultava do intenso comércio com o Sudão, de que procuravam açambarcar o vai-vem das caravanas. Os mercadores de Argel e Bugia reuniam-se aqui com os que traficavam na Terra dos Negros. Esta opulência não era abalada pelo tributo que os habitantes dos oásis pagavam aos nômades (339).

Em razão da própria prosperidade, a população aumentou em desequilíbrio com os recursos locais. Sob a pressão d'êste desequilíbrio, dada a impossibilidade de sustento para tantos dos mzabitas, no comêço do século XIV os jovens começaram a emigrar regularmente para o Tell. Um ou dois por lar partem para as cidades da Barbaria a fim de aí ganhar a vida para si e para as famílias que no Mzabe ficaram. Com os emires do Maghrebe concluem as comunidades mzabitas acordos destinados a garantir a segurança pessoal, o respeito pela consciência e o livre exercício do comércio aos imigrantes; em troca o Mzabe fornece anualmente 40 escravos negros dos dois sexos. Embora em novo meio, os mzabitas emigrados não se deixam contaminar pelas crenças e costumes da ortodoxia islâmica; formam grupo isolado, com chefe próprio, e periòdicamente visitam a sua terra natal. Empreendedores e ativos, chegarão, no século XVIII, a ter nas mãos em Argel todos os moinhos de farinha, padarias, o monopólio da carne, os banhos públicos. Com a partida dos jovens, os *ksur* e oásis ficam mal guarnecidos, de modo que as comunidades mzabitas estabelecem acordos com as tribos nômades para sua salvaguarda (340).

A Leste da *hammada* calcárea onde se encontram os oásis do Mzabe estende-se uma vasta depressão por onde, no quaternário, corria o rio Irharhar vindo do maciço do Ahoggar e que ia desembocar ao pé do Atlas, recebendo vários afluentes, entre os quais, na margem esquerda (o uede desce do Sul para o Norte) o rio Mya. Nos tempos históricos esta rêde encontra-se interrompida em várias secções, é assim que o uede Mya já não atinge o Irharhar e que êste desaparece sob as areias num longo percurso desde El Biodh, ao Meio Dia, até Uargla, a Setentrião.

Na região onde outrora o Mya conflua ao Irharhar, numa depressão ameaçada pelas dunas circunvizinhas, situa-se o oásis de Uargla, cuja existência se deve a uma toalha artesiana que alimenta numerosas fontes (341). Ao centro ergue-se uma povoação e em redor dispõe-se grande número de *ksur* (castelos) nos outei-

(339). — Leão-o-Africano, II, 119.

(340). — *Travaux de l'Institut de R. S.*, t. III (*Le Mzab*).

(341). — Bernard, pág. 371.

ros que bordam circularmente a depressão. Os palmares de tamaras formam a nota dominante na paisagem; conta-se no nosso século um milhão de árvores, o grupo mais considerável do Sáara argelino (342). A agricultura e a criação não ultrapassam proporções modestas, pelo que há escassez e carestia de cereais e carne. A alimentação comporta tâmaras e carne de avestruz ou de camelo; mas importam-se da Barbaria grãos, carne e banha salgadas. A importação é que traz também os panos e tecidos, as armas e as facas, bem como outras alfaias.

Na população conta-se forte percentagem de escravos negros; e como os brancos com eles cruzam, predomina o tipo mestiço. Os negros é que constituem a camada de camponeses. Uargla é bem povoada de artífices; e nela pulsa a vida comercial, porquanto vêm aqui os comerciantes de Tunes e Constantina com mercadorias da Barbaria, e os mercadores da Guiné com o ouro e os escravos. A função de Uargla é pôr o Maghrebe em contacto com o reino de Agadez; além disso, Uargla está na rota de Teggurte para o Tuat por um lado, e comunica com Gadamés a Levante. Ao tráfico deve o ser região muito rica, apresentando a cidade belos edifícios. O senhor, que dispõe de 2.000 cavalos, recebe contribuições no valor de 150.000 ducados, dos quais aliás paga forte tributo aos árabes (343).

Encontramos mais adiante, sob o nome de uede Rhir, o corredor de erosão por onde o Irharhar se expandia para a depressão dos Grandes Chotts tunisianos. Este corredor, com a largura de 20 km. em média, desce em inclinação suave, de + 79 a - 13 metros até às margens do Chott Melrhir; o vale é traçado com nitidez, limitado de ambos os lados por duas linhas de falésias pouco elevadas, mas bem recortadas. E' esta uma das regiões do mundo mais ricas em águas artesianas, de modo que os palmares estendem-se numa faixa de 120 km. de comprimento desde o Sudoeste de Teggurte até o Chott Meruane, contando, antes da intervenção europeia, 400.000 árvores.

Hoje o uede Rhir já não tem água, ela não corre à superfície. Mas no século XVI ainda corria um pequeno rio, atravessado por uma ponte levadiça. Na linha de arribas de uma das margens ergue-se a cidade de Teggurte, protegida por muralhas no circuito inferior. Conta o aglomerado 300 fogos; as casas são de adôbe e de pedra não esquadriada; na cidade existe um templo. Da população fazem parte artífices, mas a camada dominante é constituída por gentis-homens opulentos, cuja riqueza consiste em palmares de tamaras. Como na região não se produzem cereais, importam-se grãos de Constantina por intermédio dos árabes, a

(342). — Idem.

(343). — Leão-o-Africano, II, 121-122.

quem se paga com tâmaras. Em redor erguem-se “castelos” e aldeias, que estão sujeitos à cidade; esta cobra por ano 130.000 ducados; Teggurte está, por seu turno, sob o senhorio do rei de Tunes, para o qual contribui anualmente com 50.000 ducados, mas sob condição de os vir receber em pessoa (344).

A Sudoeste de Uargla e Teggurte, na linha de contacto da *hammada* El Homra e do Grande Erg Oriental, situa-se o oásis de Gadamés, que vive de poços artesianos cuja toalha de água está a 120 m. de profundidade. Na rota que do Maghrebe e da Tripolitânia (pelo Djebel Nefuça) conduz por Ghate quer a Agadez e à terra dos negros Kanam, quer a Tadmekhete e ao cotovelo do Níger, é acima de tudo um foco mercantil (345), habitado por berberes muçulmanos (El-Békri).

Como os outros oásis que temos vindo a percorrer, Gadamés é rico centro de produção de tâmaras, base da alimentação dos seus habitantes (El-Békri), conquanto no nosso século conte só 25.000 palmeiras; como nos demais oásis, há carestia de cereais e carne; e, como êles, também, vive sobretudo de ativo tráfico com o Sudão (346). Mas tem indústria própria, pela qual avulta nas transações longínquas: curte e prepara as peles chamadas “gadamecins”, que no comércio se consideram as melhores (347).

7. — *A civilização da tamareira: condições gerais de vida e estrutura social.*

Em contraste com os grandes nômades camelieiros, perpétua-mente errantes de uede em uede ou de poço em poço, alimentando-se quase só de leite, e consagrando todos os seus cuidados ao dromedário, a fieira de oásis de Não a Gabés vive do plantio e tratamento dos palmares, de modo que a sua população, sedentária, se sustenta essencialmente de tâmaras, e as suas atividades são, além da silvicultura, o comércio e a indústria. Civilização da tamareira e civilização do camelo: assim se vinca a antítese dos dois modos de vida.

Povoamento fixo, e relativamente concentrado; sem que os núcleos populacionais atinjam as dezenas de milhar, pois se partilham antes numa poalha de aldeias, não longe umas das outras, quando muito pequenas cidades de dois, três mil habitantes (os dados das fontes escritas corroboram a estimativa pelas ruínas). A

(344). — Leão-o-Africano, II, 119-121.

(345). — El-Békri, pág. 340 (da ed. 1913). “Ghadamis — Cette ville se trouve sur la route vers le pays des Soudan nommés les Kanam”. Abulfeda, 1321 (M C A E A, f. 1186).

(346). — Leão-o-Africano, II, 132.

(347). — “Ghadamas. Ville dans la partie méridionale du Maghrib, vers le côté du pays des Soudan. On en exporte les peaux dites Ghadamas; ce sont les meilleurs peaux tannées”. Al-Bakuwi 1413 (M C A E A, fol. 1366).

massa das ruínas medievais é, nalguns oásis, por exemplo, os do Tuate e Gurarah duas ou três vêzes a massa das construções atuais: boa indicação da curva demográfica. Consoante a origem étnica, os povoados desenham uma de duas configurações espaciais e sociais. Na aldeia berbere há um castelo — *kasba* — que serve de armazém coletivo e de refúgio a tôda a população em caso de perigo, mas não é habitado; no sopé estende-se a aldeia onde moram tôdas as classes sociais. O *ksur* árabe, ao invés, compõe-se de uma *kasba*, propriedade privada da família que senhoreia o oásis e, em volta, das casas dos camponeses dependentes e dos mercadores que estão sob a proteção do senhor. Em ambos os casos, tanto a *kasba* como as casas são de adôbes (348).

Desde quando é que o homem construiu os *ksur* e aldeias e plantou os palmares? Os dados faltam para o precisar. Num ou noutro caso, o povoado medieval pode ter vindo renovar um foco de povoamento mais antigo. E' assim que, na interpretação de Martin, Ptolomeu descreveu as *sebkhas* do Gurarah e do Tuate e entre os topônimos que cita não seria inverossímil reconhecer Tabelbelte, Tessabite, Buda, Tagante. Tratar-se-ia já de uma via de caravanas entre os gétulos do Sul e a África romana (349). Mas mesmo que um fundo pré-camelino alicerce por vêzes os oásis e centros caravaneiros da Idade Média, no conjunto as tarefas hercúleas da construção do equipamento hidráulico, da introdução e difusão das tamareiras, da edificação de *kasbas* e casas de adôbes, e do tecer dos laços mercantis, desenrolam-se bem mais tarde, articuladas à revolução do camelo. Assim sucedeu, por exemplo, de tôda a evidência, com Sidjilmessa.

Vida extremamente precária e dura, a destas gentes dos oásis. E contudo, quanto a invejam os nômades! A alimentação dos sedentários, são as tâmaras que a constituem. Mas como a produção dêste fruto excede largamente as necessidades de consumo local, e os cidadãos do Maghrebe e até da Europa o apreciam e solicitam, tornou-se a base de importante exportação a trôco da qual a classe rica melhora o seu nível de vida.

Se a tâmara permite dêste modo a existência nos oásis, os homens agarram-se a estas regiões difíceis na mira dos avultados lucros do tráfico trans-saariano. São êles que organizam as cáfilas que atravessam o deserto — e a caravana, expressão de atividade do sedentário, opõe-se ao cabildo nômade, embora por outro lado o suponha e sem êle não pudesse existir. São os mercadores dos oásis que concentram as mercadorias a expedir para o Sul, e depois vendem os escravos, o pó de ouro, o marfim, as penas de avestruz, a cola, a goma que adquiriram na Terra dos Negros. Não

(348). — Martin, *Oasis*.

(349). — Idem, págs. 29-32.

se trata de simples feitores de casas comerciais do Maghrebe, mas de autênticos mercadores independentes, com suas emprêsas próprias, com seus fundos próprios. Nem sequer a banca ignoram, e eles mesmo freqüentemente são banqueiros.

Assim como industrializaram a produção das tâmaras para viverem êles e as outras classes que habitam os oásis e para saldarem as compras que efetuam na Barbaria ou aos nômadés, assim também os mercadores das cidades-palmares montaram indústrias cuja produção permite o rico negócio do metal amarelo e do tráfico negreiro. Em todos os oásis há artífices; mas em quase todos há ainda oficinas de metalurgia — por exemplo, em Nul, Ofram, Sidjilmessa —, mineração — de ferro em Beni Besseri, de chumbo e antimônio em Khasair, de cobre em Dar'a —, teares — em Figuigue, de lanifícios em Sidjilmessa, de albornozes e sefsarié em Nul —, curtimento e correaria, como é o caso de Gadamés, Todra e Nul. Tôdas as sebkhas são aproveitadas para a extração de sal: basta nomear o Tuate e o Tafilelte. As tâmaras não constituem a única produção agrícola industrializada e comercializada: anil do Dar'a, hena, pastinaca, cominho e algodão desta região e do Tafilelte entram na mesma categoria.

As “cidades” e aldeias dos oásis são, portanto, centros complexos de silvicultura comercializada, de indústrias extrativas, metalúrgicas e textéis e de opulentos tráficos longínquos. A população compõe-se, profissionalmente, de banqueiros e negociantes do grosso trato, marabutos e sacerdotes, mercadores, artífices, mineiros, agricultores.

A hierarquia social é a mesma em tôda a fieira de oásis da “civilização da tamareira”, e igual, aliás, à de todo o Maghrebe muçulmano. No fundo da escala, os escravos — *membuk* (mamelucos) ou *âbid* —, negros que constituem propriedade de seus donos. Logo acima os semi-livres ou libertos — *harratines* —, que tanto podem ser negros como mestiços. Um fôso os separa dos homens livres — *ârram* ou *horr* —, mesmo os que formam a simples plebe, brancos zenata ou árabes. Da massa dos livres destacam-se os isentos de impostos: marabutos e, no topo da escala, *xorfa*. Os marabutos são as pessoas pias que fundaram os *ribat* (conventos) nas marcas fronteiriças ou outras zonas perigosas; em volta do *ribat* primitivo, ao seu abrigo nasceu e cresceu a povoação pacífica — a *zauira*, e agora os marabutos vivem à margem das querelas do mundo, dedicando-se ao exercício da virtude, ao culto da piedade; formam um meio hermético, que se perpetua endogamicamente (350). E' *xerife* quem descende de Mafamede por sua filha Fátima-Zahra: eminente dignidade que sobreleva os *xorfa* a todos os mais, mesmo aos marabutos, todavia bastante respeita-

(350). — Idem, p. 21-23.

dos (351) a tal ponto uma carta sua basta muita vez para assegurar privilégios aos mercadores.

O fôssó social basilar é, porém, o que opõe os pobres aos ricos, que geralmente conseguiram chamar a si as rédeas da governação, excluindo da vida pública os primeiros. Como muita vez os judeus ou berberes judaizados é que formam boa parte da oligarquia, o antagonismo religioso vem sobrepôr-se à luta de classes; e os outros ricos negociantes e banqueiros, quando sentem a maré da revolta a subir, preferem sacrificar os camaradas de credo judaico para se salvarem a si próprios: apelando para o antagonismo religioso, transformam em movimento anti-semita a vaga de descontentamento econômico-social. Em 1492, os fanáticos sufistas destruíram a sinagoga e massacraram os judeus em Tamentite. Terceira fonte de conflitos acerbos: a oposição do nômade e do sedentário — antítese de modos de vida, de condições e nível de existência, de interesses. O nômade cobiça as riquezas do sedentário, ambiciona extorquir-lhe tributos, arma-se em protetor das suas cáfilas para embolsar uns patácos. Três causas e três formas de querelas que constantemente convulsionam estas sociedades dos oásis.

Pelas condições especiais da sua formação, a sociedade do Mzabe apresenta caracteres originais. Na terra natal ou onde quer que se encontrem, os mzabitas formam grupo fechado sobre si próprio, hermêticamente; as raparigas não casam senão com membros da comunidade. Esotérica, esta é conservadora, tradicionalista em alto grau. Quanto à forma de govêrno, trata-se de uma teocracia rígida (352). Note-se que, como em çasos análogos de outras crenças, tal govêrno teocrático e tal subordinação de tôda a vida a fins religiosos estimularam o êxito mercantil.

Além da chegada e partida das caravanas, que a analística local regista, os fatos notáveis na vida de tais sociedades, registados ainda com maior desvêlo, são o aparecimento de cabildos ou tribos nômades e as querelas ou acordos que daí resultam, bem como as fomes. Trechos dos anais do Tuate e do Gurarah dar-nos-ão uma imagem viva.

Em 1228 os Uhad Sabun, vindos de Ghate, instalam-se perto de Timmi. Uma década passada, chegam de Fez os Ulad Alliah, a Tamirt (Timmi). O xeque Tudji que tinha parentes no Timmi, veio em 1269 da Seguiet-el-Hamra, estabelecer-se em Buda. No ano seguinte aparecem os Ulad Otmane, que vinham do Tindufe, e um fossado com base em Tichite impôs resgate a vários *ksur* e destruiu um que se recusara. Idênticos incidentes se repetem com as algaras dos Arib, em 1281, e dos Abda, em 1282. Quatro

(351). — Idem, p. 17 segs.

(352). — Travaux de l'I. de R. S., III.

anos mais tarde, os Ulat Ali, que tinham partido do Ghate, vêm aqui instalar-se. Em 1292 é a vez dos Ulat Alluch aterrorizarem todos os *ksur*, até que uma coligação os varreu. Mas em 1299 volta a dar-se instalação pacífica: são os Ulat Abdelmumen que da Ifríquia vieram comerciar, e gente de Tichite. O estabelecimento de cabildas de Tunes, em 1309, já não se efetua sem lutas. Em 1321 chegam caravanas de Angad. Onze anos depois os Ulat Ben Sidi abandonam Figuigue para virem aqui acampar. Durante 13 anos, a começar em 1340, uma tribo de Tarudante com mais de 1.000 guerreiros, cobrou tributo da mina de sal (*sebkha*) perto de Timmi. Quando os Abda atacaram o Tuat, em 1345, com fito na pilhagem, os sedentários conseguiram rechassá-los. No ano seguinte cabildas do Tafilelte cortaram as pistas que conduzem ao Azaüad e à Terra dos Negros; pouco a pouco fixam as suas tendas e misturam-se com a população local. Do Dar'a chegou em 1385 uma caravana composta por 13 mercadores judeus e 6 homens de escolta, em 35 camelos carregados de mercadorias; como o xeque de Taridalte que nela vinha não pagava as compras feitas em Tamentite, seguiram-se querelas azêdas, conluios e traições. Passados 3 anos, todos os *ksur* tiveram de pagar resgate aos Beraber que com 1.700 guerreiros tinham vindo pilhá-los.

Anos de fome, as crônicas locais fixaram, para a segunda metade do século XIV e primeira do XV, 1348, 1376, 1392 e 1435: em três dos casos atribuem-na a pragas de gafanhotos que teriam devastado messes e tâmaras. A seguir à terrível escassez de 1392, estalaram motins e deram-se pilhagens (353). Felizmente, a escassez não ataca, em geral, vastas regiões ao mesmo tempo, reveste antes caráter local, alternando as vítimas.

Fomes, sêcas, resgates, guerras: ritmos da própria vida dos oásis, que não alteram, no conjunto, a sua respiração profunda, a base mesma do seu ser. Porque esta constituia o grosso tráfico caravaneiro trans-sariano, e é da pulsação dos seus lucros, das vicissitudes de inesperadas concorrências que a "civilização da tâmara" na sua massa prospera ou declina...

(353). — Para os exemplos desta análise dos oásis seguindo Martin.

CAPÍTULO V

O SAL E O COBRE.

Contra ouro em equivalência de pêso, compram os negros muitas vêzes o sal que o Sudão não produz e os saarianos lhes trazem de bom grado. Este preço exorbitante, nunca em qualquer país do globo consentido por qualquer outra mercadoria, salvo, em casos excepcionalíssimos, pela sêda, testemunham-no várias fontes independentes e dá bem a medida do valor e importância do comércio do sal no Noroeste africano. Porque, sendo o mundo negro quase totalmente dêle desprovido, as formações salinas — *sebkhas* — enxameiam pelo Sáara. Ora êste é o alimento que os sudaneses estimam como o mais precioso, e na verdade é quase indispensável à saúde dos povos que habitam entre os trópicos.

Fora das necessidades alimentares, a mercadoria por que os negros mais anseiam é o cobre, para matéria-prima do seu artesanato metalúrgico, e os objetos feitos dêste metal — manilhas, bacias, etc. — para múltiplos usos e adornos. Não que não saibam trabalhar o ferro e até extraí-lo: a mineração do ferro na Serra Leca gerou todo um leque de rotas e um ciclo de trocas de suma importância nas economias negras; mas o ferro não levou à criação, neste mundo sudanês, de novas formas de utensilagem, os objetos que nele se fabricam decalcam fielmente os correspondentes de pedra. No conjunto, as civilizações negras permanecem neolítico-calcolíticas, com tênues infiltrações do complexo ferro-escrita. Ora no Sudão quase não existem minas de cobre, de modo que êste metal tem de ser importado em fortes quantidades das regiões setentrionais. Números? Impossível talvez calculá-los, mas decerto na ordem de algumas dezenas de milhar de quintais, a avaliar pelo que foi posteriormente a importação por via marítima.

Sal e cobre comandam, pois, a circulação trans-saariana e saariana, em conjunto com o ouro e os escravos — polaridade que revela os dois sistemas de forças em contacto.

Se os palmares de tamareiras e as aldeias e *ksur* que lhes estão ligados foram a criação dos brancos da "civilização do camelo", acabando aliás por se lhe opor, a exploração das salinas saarianas afigura-se plausível imputá-la aos negros e negróides que no neolítico úmido povoavam todo o futuro deserto até o limiar mesmo da Barbaria. Na verdade, não só a mão-de-obra das mi-

nas de sal medievais se compunha exclusivamente de negros, mas também, e sobretudo, os reinos sudaneses procuraram sempre dominar diretamente os centros de extração e as pistas que lá conduzem. Ainda na segunda metade do século XVI Tagaza estava sob o senhorio negro.

Mas os sedentários dos oásis de tamareiras, acicatados pelos lucros do tráfico do sal, empreenderam o aproveitamento das *sebkhas* setentrionais. Não descuraram tal fonte de riqueza os ativos habitantes de Sidjilmessa; vimos que os documentos atestam quer a existência de salinas no Tafilelte, quer a exportação de sal daqui para a Guiné. A 4 km. a Oeste do Timmi os tuatianos exploravam a mina de Hofret-el-Melah, ainda hoje em exploração. Foi a comunicação entre esta salina e as aldeias do Timmi que os Ulad Ben Abbad, vindos de Tarudante, cortaram em 1340, impondo assim tributo durante 13 anos aos tuatianos que faziam o comércio do sal; só em 1353, com a ajuda dos habitantes do Ahnet, os sedentários sacudiram o jugo (354). A cáfila de 6.000 camelos ajoujados de sal que o enviado do Cardial encontrou em Tabelbala antes de 1283 e que se dirigia para a Terra dos Negros, devia ter carregado na *sebkha* do Tafilelte ou na do Timmi.

A exorbitância do preço do sal no Sudão, criando ganhos fabulosos, levou os reinos negros a encetar e manter por séculos a exploração das *sebkhas* das faixas paralelas mediana e meridional do deserto, e em locais onde parecia contra-indicada a instalação do homem: O homem não se instala unicamente nos locais menos desfavoráveis: aguilhoadada pela perspectiva de lucro, a minoria não recua perante seja o que fôr para reduzir ao seu serviço uma mão-de-obra cujo labor a enriqueça, mesmo que êsses trabalhadores tenham de viver — ou melhor, morrer —, nas condições mais hostis, mais inverossímeis. Mas, graças à escravatura, que importa que a morte ceife constantemente a mão-de-obra? Desta vida dura, desumanamente penosa, o melhor exemplo é o da exploração de sal de Tagaza.

1. — *Os centros de extração do sal: Tagaza.*

Do século XI ao fim do século XVI a mina de sal mais importante do Sáara foi a de Tagaza. Tagaza situava-se ao norte da atual Taudeni e ao Sul do maciço dos Eglabe, à latitude de 23° 36' 43 N e à longitude de 4° 59' 29 W (Greenwich); no extremo ocidental-meridional do Erg Chech (355). Ibne Batuta gastou vinte e cinco dias de Sidjilmessa aqui, e catorze daqui a Uala-

(354). — Martin, *Oasis*, págs. 109-110.

(355). — Há historiadores e geógrafos que localizam Tagaza a 26° de latitude N e entre 7° e 8° de longitude W.

ta; Leão-o-Africano diz-nos que fica à distância de 20 jornadas quer de Ofram, quer de Uadam, quer de Ualata, quer de Tom-buctu (356).

Ignoramos quando entrou em exploração a mina de Tagaza. Ibne Háucal (cêrca de 950) ainda se lhe não refere, ao passo que El Békri (1068) nô-la apresenta em plena laboração, formigando no povoado mercadores de desvairadas proveniências. Dêste contraste seríamos levados a admitir que a extração de sal começou aqui na segunda metade do século X ou na primeira metade do século XI. O silêncio do primeiro geógrafo não significará, porém, simples ignorância ou desleixo em anotar a existência? E' certo que Ibne Háucal fêz a viagem de Sidjilmessa a Audaghoste, e portanto é natural que ouvisse falar da mina se de fato estivesse já então a ser explorada. Mas o geógrafo e historiador grego Heródoto (século V a. C.) menciona já, referindo-se ao deserto arenoso que se estende do Egito às colunas de Hércules, uma salina junto da qual se ergue uma povoação cujas casas são construídas de sal (357), peculiaridade que convém à Tagaza medieva. Teríamos assim que admitir a existência do aglomerado e a exploração mineira desde, pelo menos, o século V a. C. Teria ocorrido interrupção de algumas centúrias até o tempo de El-Békri? Não o sabemos. Tagaza vem representada no Atlas Catalão de 1375 e na carta de Mecia de Viladestes de 1413. Parece que no último quartel do século XV Tagaza esteve durante algum tempo despovoada porque o poço de água secara (358), mas voltou a povoar-se antes mesmo do início de Quinhentos, acidente que não deve ter sido único. Cobiçada desde 1544 pelos sultões sa'adianos de Marrocos, abandonaram-na os negros temporariamente a partir de 1557, mas estava de novo em exploração quando em 1585 a aproximação de um destacamento marroquino levou os mineiros, os mercadores e a tropa a fugirem; sem mão-de-obra, a ocupação marroquina não pôde durar. No reinado do askia Ishaq II (1587-1591) os negros voltaram a povoá-la, e a definitiva conquista marroquina em 1590 não a errou, ao invés do que se supõe, continuando a exploração até a segunda metade do século XVII, em que morreu. Já entre 1557 e 1585 os negros tinham explorado a *sebkha* de Tanudar, cuja localização se ignora, e é possível que ainda no século XVI

(356). — A *Crônica da Guiné* não menciona Tagaza. O Visconde de Santarém identificou erradamente com ela a Tagaoz nomeada no cap. LXXVII, quando se trata da cidade junto ao rio Nul (Assaca), perto do Anti-Atlas (veja-se o tomo I, da *História econômica e social da Expansão portuguesa*, págs. 124-125). O erro vem reproduzido na edição da *Crônica* feita por José Bragança, e numa reedição recente da tradução Trigoso das Viagens de Cadamosto.

(357). — Citado por R. Caddeo, *Le Navigazioni*, págs. 193-194.

(358). — V. Fernandes, fol. 75 v (pág. 53): "E nõ ha muyto tempo q toda foy despouorada e esto a emjgoa dagoa porque se secou ho poço".

começassem a extrair o sal de Taudeni, aliás trabalhada sistemàticamente só depois de 1675 (Th. Monod).

A vida em Tagaza era extraordinariamente precária. Ibne Batuta demorou-se dez dias em Tagaza, e diz-nos que os passou com sofrimento e privação, porque a água é salobra e as moscas enxameiam mais do que em qualquer outro sítio (359). Leão-o-Africano também aqui esteve, e classifica a estadia de muito perigosa o vento que sopra no verão, cega (360). A terra em longo circuito em redor é absolutamente estéril, não há quaisquer produções vegetais nem, conseqüentemente, qualquer criação de gado ou sequer caça. Todos os víveres têm de ser importados de bem longe: de Dar'a e Sidjilmessa vêm as tâmaras, de Tombuctu e das outras cidades negras vem o milho zaburro, os nômades camelleiros fornecem a carne de camelo (361). Dêste modo, a vida dos mineiros está à mercê da chegada regular das caravanas; por isso

“freqüentemente morrem de fome, quando os mercadores não chegam a tempo com os víveres” (Leão-o-Africano).

Ainda em 1910, nas minas de Taudeni, cujas condições são idênticas às de Tagaza, pereceram 56 pessoas devido a um atraso na chegada da caravana (362). Assim, a dependência quanto ao abastecimento de gêneros alimentícios vem somar-se à ameaça de secagem dos poços e à falta de defesa contra ataques dos nômades para tornar bem frágil a vida aqui, em pleno deserto, com condições tão hostis.

Segundo Leão-o-Africano, nas aldeias em volta das minas nem sequer há população permanente, conquanto estejam permanentemente habitadas. Os operários estavam divididos em grupos que trabalhavam na extração e moravam em Tagaza por turnos, revezando-se com muita freqüência. Este sistema deve ter sido adotado por causa da alta taxa de mortalidade, mas ignoramos de quando data, a descrição de Ibne Batuta não é suficientemente minuciosa e clara para decidirmos se já vigorava em meados do século XIV. Os mineiros eram todos escravos negros, e não parece que aqui habitasse outra qualquer população; os mercadores não paravam aqui mais do que de passagem, cêrca de dez dias; nem sequer havia necessidade de fiscais não escravos para vigiar a labuta dos escravos, porquanto estes não podiam fugir sob pena de morrerem de fome ou sede no deserto, e viam-se obrigados a trabalhar para obter as subsistências. Além disso a mão-de-obra subs-

(359). — *Voyages*, t. IV, págs. 378-379.

(360). — II, 140.

(361). — Ibne Batuta, IV, 378; Leão-o-Africano II, 139-140; V. Fernandes, fol. 75 v (pág. 53).

(362). — Bovil, pág. 250.

tituía-se com facilidade, o que leva a supor que não deve ter havido pressa em instituir o sistema dos turnos. No entanto, estacionaram aqui por vêzes guarnições negras, sempre que um dos impérios sudaneses pretendia garantir o seu abastecimento em sal e portanto se via forçado a instalar tropas junto às minas para as libertar da tutela dos nômadez camelleiros.

A população de Tagaza vivia em miséria extrema. Como vestuário, um simples alquicé cobrindo o corpo nu e deixando o braço direito de fora; na cabeça uma touca de qualquer côr e qualquer qualidade; os pés descalços. O traje era igual para os dois sexos (363). A alimentação, como vimos atrás, constava de tâmaras, carne de camelo e milho zaburro; em variedade era, pois, tão rica como a dos outros moradores do deserto, todavia o mal era o caráter precário da sua quantidade e da sua regularidade. A cerâmica é importada de Marrocos; para moer os grãos utilizavam-se mós braçais de pedra (Th. Monod).

Tagaza apresentava o espetáculo extraordinariamente curioso de uma povoação com tôdas as casas construídas de lages de salgema. Segundo Al Bakuwi (1413) e Valentim Fernandes (364), as paredes, as portas e os próprios telhados dos prédios compunham-se de placas de sal; o todo era revestido exteriormente de peles de camelos, consoante nos informa a primeira daquelas fontes (365). Porém Ibne Batuta, observador ocular, diz-nos que os telhados eram de peles de camelos, corroborando todavia as outras informações (366). Dos textos daquelas duas fontes parece depreender-se que a povoação estava rodeada de um muro também de pedras de sal; mas o viajante mouro de Trezentos não o menciona. Existia uma mesquita, edificada com o mesmo material (Ibne Batuta). Mas no conjunto o burgo era miserável e sem grande importância (Ibne Batuta). As pesquisas arqueológicas revelaram que Tagaza se compunha de duas povoações, uma ao Norte e outra ao Sul da sebkha, a última menos importante; as casas eram de plano retangular, apinhando-se umas contra as outras mas sem regularidade de disposição, pois formavam entre si ângulos agudos. A salina, que tem 3 km. no sentido Leste-Oeste e 1 km. 700 no sentido do meridiano, estava rodeada de 6 tôrres também construídas de barras de sal, as quais se destinavam à sua defesa. El Békri fala de um castelo cujas paredes, ameias e torreões são de lages de sal.

(363). — V. Fernandes, fol. 75 v (pág. 53).

(364). — Idem.

(365). — M C A E A, IV, 1365 v.

(366). — IV, pág. 378.

A existência de um foco de povoamento neste ambiente tão inumano explica-se pelas minas de sal, matéria prima tão preciosa para o mundo negro.

“Não há aqui uma única árvore; o terreno é todo areia, e aqui encontra-se uma mina de sal. Cava-se o solo e descobrem-se grandes tábuas de sal gema, colocadas umas sobre as outras, como se tivessem sido talhadas e depois postas em camadas debaixo da terra” (367).

Cadamosto confirma que

“aqui cava-se enormíssima quantidade de sal em pedra” (368).

e também Al Bakuwi escreve que

“todo o terreno em volta da povoação consiste em salinas, donde se extrai o sal e a pedra ume” (369).

Leão-o-Africano (II 139) diz-nos que o sal é extraído de algumas cavernas, o que sem dúvida significa os poços das minas. O instrumental mineiro e a utensilagem são de cobre, sabêmo-lo pelas pesquisas arqueológicas. Todos concordam igualmente que o sal vem em lajes duras de grande formato e que é assim mesmo exportado para Tombuctu e Guiné; o navegador veneziano fala das grandes caravanas de camelos de alarves e azenegues que todos os anos aqui vêm buscar o sal (*Nav. Primeira*, cap. XII). Cada camelo carrega dois blocos de sal, segundo Ibne Batuta e Cadamosto, que Félix Dubois corrobora no século XIX; ou quatro, a darmos crédito a Leão-o-Africano; a discrepância transforma-se em concordância, graças a uma explicação que nos dá Valentim Fernandes para o sal da serra de Igilde (370): atam-se as tábuas de sal às duas e duas, levando cada camelo dois pares. Para atar os blocos utilizavam-se cordas, no dizer do impressor de Morávia, correias de couro, segundo Dubois; é possível que as “cordas” daquele designem precisamente tais faixas de couro, artigo mais próprio do deserto do que a cordoalha. Segundo o explorador do século XIX, cada tábua tem de dimensões 3 x 1 côvados; Valentim Fernandes aponta como dimensões 8 x 3 palmos (176 x 66 cm.); a cinco séculos de distância a concordância é evidente. De grossura a tábua conta cerca de meio palmo (11 cm.). As tábuas são ornadas de desenhos, marcas de propriedade e nomes de santos do Islame (Dubois) (371).

(367). — Ibne Batuta, IV, págs. 377-378.

(368). — *Navegação Primeira*, cap. XII.

(369). — M C A E A, IV, 1365 v.

(370). — Fols. 72 e 72 v. (pág. 49).

(371). — As informações de Dubois vêm citadas por La Roncière, I, pág. 89.

Em contradição com todas as restantes fontes, Valentim Fernandes declara (fol. 75 v. p. 53) que o sal de Tagaza

“nõ leuã a Tãbucutu como ho outro [o de Igilde], porq este sal nõ se leixa laurar em tauoas como ho outro de Ygild e por ysso os camellos ho nõ podẽ leuar, e soomẽte fica em lageas meudas, ou se esmẽça de todo, nem ẽ aquella terra ha canastras nem outra cousa em que ho sal meudo podessẽ leuar longe camynho. Este sal nem ho de Igild nõ se derrete ẽ agoa se nõ quãto em agoa jaz tãto mais duro se faz”.

Tal indicação de que o sal de Tagaza se esmiuça e não pode ser levado em blocos é desmentida pela pintura que da povoação nos debuxa o próprio Valentim Fernandes, pois escrevera:

“e esta cidade toda he edificada de sal, .s. muros paredes portas casas e telhados, porque este sal he pedra”. (fol. 75 v. p. 53).

As observações oculares de Ibne Batuta e Leão-o-Africano, a século e meio de intervalo, e os dados das geografias muçulmanas refutam cabalmente aquêlê asserto, mesmo que não fõsse contraditório com o resto da descrição. Terá o impressor de Moravia trocado as informações relativas a Tagaza e a Igilde? Não é impossível.

O *Esmeraldo* fala das minas de sal saariano de modo indeterminado quanto à toponímia e localização:

“e neste deserto ha humas salinas donde tiram muito sal, e muito fino, nesta maneira, .s. em certos luguares cauam a terra e hacham altura de hum couado, huma... feita como taboa e muito longua; de huma legua de comprido ou mais e aas uezes menos, a qual tem de grossura tres dedos, e esta cortam em contidades de seis palmos de longuo e tres de larguo, e destas taboas sinco dellas carregam hum grande camello, e he muito bom e aluo, e eu ho uy em Lisboa na casa da Mina, honde se fazem os tratos de Guinee, o qual aly trouueram d'Arguim; e d'este deserto leuam os Alarues muitos camellos carregados deste sal para a feira de Tãbucutu, donde por elle ham muyto ouro”. (cap. 25 do Livro I).

Reportando-se a êste texto, perguntou Th. Monod:

“La saline d'Idjil correspond-elle aux salines d'*Idamèn-Emsery* de Duarte Pacheco Pereira (1892, p. 42; 1905, p. 77), malgré que ni l'orientation ni les distances ne concordent?” E em nota responde: “C'est à mon avis vraisemblable car, si la distance Arguin-Idjil est fausse (30 lieues portugaises), la distance Idjil-Ouadane (40 lieues) est approximativement exacte” (372).

A verdade é que Duarte Pacheco não fala de salinas com os nomes de Idamen e Emsery, fala sim de duas lagoas com êstes nomes, situando-as na pista de Arguim para Audem (Uadam); não determina nem os topônimos nem a localização das minas de sal, refere-se apenas como situadas no Sáara, embora o fato de as mencionar entre a menção das lagoas e a de Uadam nos leve a supor que não ficavam muitíssimo afastadas dêstes lugares, o que convém quer a Tagaza quer a Igilde.

A produção de sal alimentava intenso e opulento tráfico com a Guiné. Vimos que Cadamosto refere que todos os anos afluem a Tagaza intermináveis caravanas, e um século antes Ibne Batuta escrevera que

“apesar da diminuta importância que tem o burgo de Tagaza, faz-se aqui comércio de enorme número de quintais ou de talentos de ouro ou de ouro em pó” (373),

pois êste metal era a contra partida paga pelos negros em troca do sal. Além da função que lhe cabia no tráfico caravaneiro como mercado produtor de sal, Tagaza desempenhava ainda, graças aos seus poços de água, o papel de escala das caravanas:

“A esta cidade vem todos tractâtes que tractã è ouro. E esto pella agoa, ca em toda aquella terra nõ ha outro pouço que aquelle” (374). Esta cidade he scapula dos que vem pera leuâte e pera poente, porque desta cidade a 15 jornadas nõ ha pouoaça alguma pera nenhuma parte”.

Mau grado, a salobridade da água, as caravanas vindas de Sidjilmessa era aqui que faziam provisão para poderem penetrar no deserto que se estende para o Sul, no qual durante dez dias de marcha não se encontrava aguada, salvo por acaso (375).

2. — A salina de Igilde.

Não parece que a Igilde coubesse igual função de escala caravaneira. Pelo menos a cartografia medieval, quer catalã quer italiana, não parece desenhá-la, os itinerários e geografias muçulmanas não parecem referi-la. Tanto assim que já houve quem julgasse que só no século XVIII fôra descoberta, o que é errado porque Valentim Fernandes a descreve com minúcia e o *Esmeraldo* parece referir-se-lhe, juntamente com Tagaza, conquanto não nomeie nem uma nem outra. A menos que se aceite a identificação, proposta por Rackl e Miller, da Aulil dos textos muçulmanos

(373). — IV, pág. 378.

(374). — V. Fernandes, fol. 75 v (pág. 53).

(375). — Ibne Batuta, IV, pág. 379.

com Igilde; todavia é difficil subscrevermos tal identificação, porquanto Ibne Khaldun nos informa de que o Nilo dos Negros (o Senegal) desagua no mar al-Muhite (Atlântico) perto da ilha de Aulil (376). Ibne Háucal (século X) escrevera que

“Aulil, lugar donde se extrai o sal, fica a um mês de caminho de Audaghôte. Gasta-se um mês e meio para se ir de Aulil a Sidjilmessa, e entrarmos assim no país do islamismo” (377).

Peremptoriamente, quer El-Békri quer Edrici localizam Aulil no Atlântico, definindo-a ambos como ilha. Estes dados não convêm de modo algum, como é óbvio, a Igilde, convêm apenas às salinas ao Norte da foz do rio Senegal.

A sebkha de Igilde, com 80 km. de comprimento por 10 de largura, e em cujo meio se exploram as mais ricas salinas do Sáara Occidental, fica a 12° 50' de longitude oeste (Greenwich) e de 22° 40' a 23° 20' de latitude norte, a 280 km. de Atar e a 980 de Nioro. Das salinas à serra do mesmo nome medeiam, segundo João Rodrigues, duas léguas.

Como em Taudeni, o solo dispõe-se em camadas sobrepostas, que são, da superfície para o interior, as seguintes:

1a. terra muito salgada	— espessura	20-25 cm
2a. argila vermelha	”	15-16
3a. argila verde	”	13-14
4a. sal impuro	”	2-3
5a. sal	”	24-5
6a. argila negra	”	35-40
7a. sal (em extração)	”	6-7
8a. sal (em extração)	”	5-6
Profundidade da exploração atual		1m,04
9a. argila negra	”	8-9
10a. bolo sal (não explorado)	”	11-12
11a. sal impuro	”	4-5
12a. sal de qualidade superior (não explorado)	”	6
13a. argila negra	”	5-6
14a. sal duríssimo	”	15
15a. sal duro	”	10
Profundidade total		1m,67 (378)

Outrora extraía-se sal também da camada 12, o que é aliás cheio de difficuldades; a superstição é que levou a abandoná-la: o sal dessa camada seria funesto ao camelo ou à sua carga. O sal da camada 10, que não se pode cortar em barras pois se esfran-

(376). — M C A E A, IV, f. 1340 v.

(377). — Cap. CXXXIII, pág. 240.

(378). — Brosset, *La saline d'Idjil*

galha, é considerado, pelo contrário, amuleto de felicidade e preservador do raio; por isso vai para o Adrar e para o Azaouade.

A extração é feita em trincheiras contíguas sucessivas cuja largura iguala o comprimento das barras.

“Arrivé à la couche 7 ou 8, le mineur entaille tout le long de la tranchée la table à exploiter, puis en travers il creuse une rigole; ensuite il découpe en trapèze allongé pour former les barres, qu’il soulève une à une à l’aide d’un levier en bois”.

As alfaias que hoje se empregam no trabalho da mina devem ser as mesmas que há cinco séculos. Para as medições servem duas varas. Abrem-se as fendas com o *amoder*, encabado num cabo de 1m,50; com o *taiaha* encabado como o anterior, é que se tiram as camadas menos duras (2 a 3); uma pequena pá direita, com um forte cabo de 1m,20 — *arrajeil* — é que serve para o ataque à argila pastosa (camada 9); com um machado encabado num cabo de 1 côvado separam-se as barras umas das outras segundo a sua largura; para levantar as barras aplicam-se duas alavancas, uma curta e outra comprida, ambas de pau. Resta suavizar a arestas vivas que cortariam as correias com que se atão as barras; êstes retoques são feitos com um machadinho mais curto que o outro.

Os trabalhadores formam equipas de 5 ou 6 homens. Cada homem extrai em média 20 barras por jornada de trabalho; rendimento superior em mais de 100% ao das minas de Trarza, onde a equipa de 6 trabalhadores extrai 45 barras por dia (379).

A técnica e as condições de trabalho não deveriam diferir no século XV. Aí está a descrição de João Rodrigues, que Valentim Fernandes nos transmitiu, a deixá-lo supor.

“Ho sal tirã desta maneyra .s. Nesta serra esta huma pedreyra de sal, e tirã no ê tauoas equatro tauoas fazem huma carrega de camelo. E cada tauoa ha de ser de oyto palmos em longo, e em largo em huma cabeça quatro palmos, e tres em outra, pera fazer feiçã da carrega. E cada tauoa tê em grosso huma mão traussa que meyo palmo bõo. E cada duas tauoas daquellas atã muy bem cõ cordas e assy as leuã em seus camelos”. (fols. 72 e 72 v., p. 49).

As barras teriam assim 176 cm x 66 cm ou 88 cm; todavia as observações feitas pelos exploradores dos séculos passado e presente levam-nos a reduzir as dimensões das barras de sal de Igil-de para 1m. de comprimento por 20 cm a 40 cm, no máximo, de

(379). — Acêrca dêstes 4 parágrafos, Brosset, *La saline d'Idjil*.

largo (380). As dimensões apresentadas por Valentim Fernandes adequam-se sim às barras de Tagaza, como verificámos acima; ora a mesma fonte diz-nos, referindo-se às últimas, que estas são mais pequenas do que as de Igilde, o que nos radica a convicção de que por engano permutou as informações relativas às duas minas.

Quantas barras carregava cada camelo? A barra de sal de Igilde é em volume, e logo também em pêso, menos de metade da barra de Tagaza, por isso é de presumir que o número de barras seja pelo menos duplo; e com efeito no nosso século cada dromedário transporta de Igilde em geral 8, por vêzes 10, no máximo 12. Cada barra de Igilde, segundo Brosset, pesaria 38-40 kg, o que daria 280 a 320 kg. por carga, número certamente excessivo, incompatível com o que se sabe ser o máximo que um dromedário pode transportar — 200 kgs; aquêlê pêso de 35-40 kg. deverá entender-se como o da dupla barra e não o da simples (o que se passa em Taudeni corrobora-o: a dorso de cada camelo carregam-se 4 ou 5 barras de 35-45 kg. cada, pêso total médio 160 kgs.).

Uma cáfila de cameleiros saarianos conduz o sal de Igilde ao Adrar — à cidade de Uadam, no século XV; aqui uma outra, de comerciantes da estirpe saheliana, compra o sal à primeira e leva-o à Terra dos Negros — a Ualata (381). Parece que não segue para Tombuctu.

Ignoramos quando principiou a exploração do sal na sebkhá de Igilde, mas talvez não seja muito antiga e date do século XV ou pouco antes: no comêço do século XIX o testemunho de Jackson documenta a continuidade da extração (382), a qual aliás ainda se verifica em nossos dias (383).

No século XX, os mineiros não vivem todo o ano junto da sebkha: trazidos pela primeira caravana que aí aporta, partem com a última (384). Pelo que sabemos de Tagaza, devia ser assim já no século XV, servindo a serra de Igilde de residência aos trabalhadores durante o período anual de inatividade.

Os moradores da serra de Igilde é que exploravam as salinas e faziam o comércio do sal com Uadam, seu principal mercado. A serra era povoada de azenegues, contando população numerosa. Entre os serranos, sedentários, por um lado, e os alarves, nômades do deserto, por outro, havia naturalmente forte hostilidade; a serra de Igilde, como as montanhas maghrebina e a serra Bafor, constituiu um dos refúgios dos berberes azenegues ante a difusão da onda árabe nos séculos XIV e XV, conseguindo assim aquêles manter a sua independência, ao invés do que aconteceu com os aze-

(380). — Monod, *Description de la côte d'Afrique*, pág. 154.

(381). — V. Fernandes. Cf. Brosset, *La saline d'Idjil*.

(382). — C'tado por Bovil, pág. 250.

(383). — Monod, *Description de la côte d'Afrique*, pág. 154.

(384). — Brosset.

negues do litoral e com os do deserto. Nem os azenegues ousavam sair da serra, nem os alarves se atreviam a entrar nela. Quando as caravanas do sal se põem a caminho, uma chusma de nômades cameleiros, eternos salteadores sedentos de riquezas, surgem de vários lados, borboleteando a ver se conseguem pilhá-la.

Do ponto de vista político, a serra partilhava-se entre dois “reinos”, cada qual com seu “rei” (385).

Ao contrário dos oásis setentrionais, na serra de Igilde não há palmeiras, conquanto brotem fontes e corram pequenos regatos. A água é, aliás, no deserto o grande foco de atração do povoamento. Estes azenegues sedentários viviam da criação de cabras (V. Fernandes). Em caso de necessidade, os mineiros caçam com armadilhas os chacais e hienas que vagueiam ao redor (Brosset).

Como besta de carga e animal de transporte, os serranos de Igilde utilizavam o camelo.

3. — *As salinas de Aulil.*

Segundo Valentim Fernandes, de Tombuctu vêm os mouros abastecer-se de sal à costa de Arguim:

“Este sal se faz nesta costa desta maneyra. Nos evernos quãdo ho mar anda brauo pasa seus termos e ve por alguns baixos ou valles onde faz algumas aļagoas e fica alli aquella agoa salgada morta e depois como tem o sol sobre seu zenith duas vezes no anno faz grãdissima quẽtura cõ aqual aquella agoa se torna em sal. E porque toda a terra nõ he se nõ area ho vẽto ha lãça de hum cabo pera outro onde acõtece de cobrir aquell sal e estes pescadores azenegues sabẽ no tudo e ho descobrẽm e estes de Tãbucutu per muy bõa peita ou lhes vendẽ por aquelle ouro que cõsigo trazẽ, per onde os outros carregã suas bestas e camelos que dos alarves cõprarõ, e o ouro fica ã poder destas alarves e pescadores que depois levã a Arguym e cõprã dos christãos ho que hã mester” (386).

As últimas palavras sugerem uma situação posterior ao estabelecimento da feitoria de Arguim; mas afigura-se-nos plausível que precedesse tal fundação e a chegada dos europeus: é até a existência de tal tráfico anterior que explica em parte que se tenha formado o trato com os portugueses, de contrário como é que estes conseguiriam derivar do interior do sertão para o litoral umas

(385). — Valentim Fernandes, fol. 72 (pág. 49): “Atraues desta pedra Schelud fica huma serra muy grãde que se chama Ygild, pouoada de muyta gente e tem dous reys e nõ tem outro mãtymento se nõ cabras e asnos, e tem muytas agoas, e nõ tem tamaras. Os reys desta serra sã azenegues cõ toda sua gente e sõ muyto cõtrayros aos alarves, assy que nõ ousã de sayr da serra nem os alrues nõ ousã de entrar”.

(386). — V. Fernandes, f. 85 r e v (pág. 61).

das rotas do ouro? Tal presunção transforma-se em certeza, se atendermos a que Valentim Fernandes indica que êste sal é em “lages.” Ora a exploração da Mauritânia feita por Gruvel e Chudeau revelou que as únicas sebkhas que contêm sal em barras são as da região de Trarza e as que estão próximo ao Cabo Mirik (Ponta de Tofia). As salinas descritas pelo impressor de Morávia identificam-se conseqüentemente com as de Aulil referidas pelas fontes muçulmanas e em exploração desde pelo menos a primeira metade do século XI. Decerto El-Békri descreve as salinas como situadas junto ao mar, perto de uma península chamada Aiuni; poder-se-ia identificar tal península com o Cabo Branco, e localizar a sebkha na ilha de Arguim ou na terra firme que lhe corresponde, tanto mais que o mesmo geógrafo fala da abundância de tartarugas, que constituiriam o principal alimento dos habitantes dêste litoral, e que Edrici e Ibne Khaldun descrevem Aulil como uma ilha. Em todo o caso contra esta hipótese há os resultados da missão Gruvel-Chudeau. Essa península será talvez antes o cabo Mirik, e Edrici e Ibne Khaldun teriam transformado em ilha a área que segundo El-Békri está na terra firme mas quase fica rodeada das águas na maré cheia; então o mar avançava mais pela terra dentro do que hoje, e podia existir um pôrto perto das sebkhas (Gaden).

4. — *As salinas do Sáara Central.*

Ao sul do paralelo 28° N, desde 4° de longitude Oeste até 13° de longitude Leste (Greenwich), as fontes medievais não parecem referir quaisquer outras minas ou marinhas de sal ou *sebkhas* em exploração, salvo a de Tutek. Silêncio que não é prova decisiva de que os saarianos anteriormente ao século XVI não extrahissem sal das formações salinas de tipo vário que se encontram no Sáara Central; mas dêle é talvez legítimo inferir que estas explorações, a existirem como é provável, não podiam competir em volume de produção e importância com as de Tagaza, Aulil e Igitde, que eram assim, com o Kairar, os principais focos desta indústria no deserto.

Desde a Idade Média, sem dúvida, que os “embaçados” do Air efetuavam todos os anos a penosa travessia do Ténéré, para ir a Bilma, no oásis do Kaùar carregar de sal uns milhares de camelos. Regressados às suas serras, exportavam êste artigo de consumo para os reinos negros do curso levantino descendente do Níger (387). Ficam as salinas, contituídas por bacias de cristalização (Monod), entre 18° 30' e 19° de latitude setentrional e entre 13° e 13° 30' de longitude oriental.

(387). — Bovill, págs. 251-252; Bernard, pág. 346.

Estas *taghalam* — nome por que em tamalaque, língua dos tuaregues, se designam as caravanas do sal, equivalente aos *azalai* que de Tombuctu se vão abastecer às salinas de Tuadeni —, traziam para o Air também tâmaras dos oásis de Bilma e de Fashi (Agram). Mas na Idade Média, além do sal e das tâmaras, o Kaùar fornecia a pedra ume, de emprêgo tão corrente na tinturaria. Esta informação de Edrici, que alguns quiseram pôr em dúvida por se não terem ainda achado quaisquer vestígios, acaba de ser corroborada pela pesquisa *in-loco* efetuada por Le Coeur: no Kaùar há efetivamente alumen (388). Depois de 1919 cada cáfila compunha-se de 5.000 dromedários; no século passado chegava a contar 30.000. O sal é transportado sob a forma de cones, de que cada camelo leva 4 a 6 (389).

Ignoramos de quando data a exploração das salinas do Kaùar. E' possível que desde muito cedo, como Tagaza, visto que o oásis forma escala cômoda, senão indispensável, em certas artérias vitais de circulação saariana. Já na Antigüidade clássica, os Nasamanes faziam o tráfico entre Augila, ao Norte, e o Kaùar; êste comércio mantinha-se no século XII, pois Edrici fala dêle. Por causa do sal e do trato pela rota do lago Chade, Kaùar e Murzuk (Fezzam), os negros do Banu e os "embuçados" do Air travaram guerra no fim do século XIII e comêço do XIV: os primeiros tinham, com efeito, ocupado aquela via de comunicação (390).

Afigura-se altamente provável que já na Idade Média os Hoggar explorassem as salinas de Amadorr, junto ao maciço que dêstes "embuçados" tuaregues recebe o nome. Efetivamente, com elas é de identificar a mina de Tuteke, referida por El-Békri, logo em atividade desde pelo menos o século XI.

As salinas da Tégguida-n' Tessum, embora iluminadas só pela observação recente (a menos que sejam elas a Tuteke de El-Békri), devem ter sido exploradas também desde a Idade Média.

Numa planície desértica, de solo ora em reg ora em argila vermelha que localmente se torna salífera, as marinhas da Tégguida-n' Tessum ficam a 80 km. a N NW do palmar de In Gall, entre Agadez (Air) e Tamanrasset (Ahoggar). O sal provém quer das águas subterrâneas salobras quer da dissolução artificial do que está contido nas argilas vermelhas. A técnica não deve ter variado de há séculos para cá. Os torrões de terra são colocados perto das bacias de fundo argiloso e de 2 a 3 metros de diâmetro, agrupadas aos pares ficando uma em plano superior à outra (*amali*).

"Elles sont ensuite étalées en une mince couche et abondamment humectées, ce qui permet ensuite de les broyer plus facilement. Après séchage et broyage, elles

(388). — Comunicado por Monod.

(389). — Rodd, pág. 219.

(390). — Rodd, págs. 369 e 406-407.

sont placées dans l'amali, avec de l'eau en abondance. Le tout est foulé aux pieds jusqu'à obtention d'une eau très lourde. On laisse décanter la boue liquide obtenue: le résultat est atteint en deux ou trois jours. L'eau saturée est alors déversée dans la cuvette mâle inférieure par une brèche pratiquée dans la paroi de l'amali supérieur. De là, l'eau-même est répartie dans les kassâki (bacias de fundo rochoso impermeável, de 0,5 m. a 2 m. de diâmetro, dispostas em volta das amali) où elle reste soumise à l'évaporation. L'évaporation dure de 7 à 15 jours, et même 20 jours, suivant la saison. Le sel vient cristalliser en mince pellicule à la surface, aussi est-il nécessaire d'asperger fréquemment les kassâki avec de l'eau saumâtre pour précipiter le voile qui arrête l'évaporation. Après l'évaporation complète, au moyen d'une caleçasse et d'un petit balai de paille, on recueille le sel déposé sur le fond rocheux des kassâki, que l'on nettoie soigneusement avant de recommencer un nouveau cycle" (391).

Na aldeia é depois o sal modelado à mão, sobre o chão, de maneira a formar quer paralelepípedes de 90 ou 80 cm x 60 ou 50 cm x 5 ou 6 cm, quer pães de 20 ou 25 cm x 12 ou 13 cm x 3 ou 4 cm. A produção anual atual avalia-se em 5.000 barras de 25 kg. cada — 125 toneladas ao todo. Tanto os negros Haússa como os "embuçados" vêm a Tegguidda-n'Tessum abastecer-se de sal, a trôco de milho e pano. Os Hôggar trazem tâmaras para comprar o sal. Por outro lado, a região é freqüentada pelos nômades pastores de camelos que nomadizam em zonas onde a flora carece de clorêto de sódio: os rebanhos vêm por isso aqui para "fazer uma cura de água salgada" (392).

5. — *O cobre de Takedda.*

Tão indispensável aos negros como o sal, embora por outras razões, e igualmente ausente do Sudão porquanto se de sal há só as minas do Dendi, de cobre há só as do Alto Volta, este metal confluía aos reinos sudaneses de quatro origens e por quatro rotas. Era, em primeiro lugar, o cobre de Marrocos, que por Nul e Sidjilmessa ganhava Audaghoste, Ghana, Mali. O cobre da Europa central, expedido por Veneza para o Maghrebe e o Egito, onde se encontrava com o cobre do Império Bizantino, seguia depois para o mundo negro quer por intermédio do Tuate quer levado pelas caravanas que ligavam o Egito ao Niger. Portanto, três origens longínquas, três rotas muito longas. Ora, no Sáara Central, dos jazigos de Takedda ou Tegguidda extraía-se cobre com tôda a intensidade durante a Idade Média.

(391). — R. Lambert, págs. 1-3.

(392). — Idem, pág. 306.

Onde se situava a mina de Takedda, ainda não o sabemos. Localiza-se geralmente a Oes-Noroeste de Agadez e a Sueste da bacia de escoamento de Tesellaman, portanto já fora e a Ocidente do Air, mas antes da região de dunas mortas que vai a Poente até a sebkha de Azauak. Mas tanto Roy (393) como H. Lhote propõem uma localização no Adrar dos Iforas, o primeiro em Tegguida W' Adrar e o segundo em Es Suk. Segundo Béguin, a mina de cobre encontrar-se-ia junto às atuais salinas de Tegguida-n'Tessum (394). Esta última hipótese afigura-se-nos a menos verossímil, dado que a minuciosa descrição de Ibne Batuta nem sequer alude a salinas nas imediações ou não longe.

De certo só sabemos que junto à mina de cobre se erguia uma cidade, importante empório e escala de cáfilas.

A população compõe-se exclusivamente de mineiros e mercadores, sendo aquêles de condição escrava. O número de habitantes é certamente muito elevado, não inferior ao que virá a ter Agadez, que só nasce no século XV enquanto Takedda floresce sobretudo no XIV. A percentagem de escravos dos dois sexos é muito forte; encontram-se escravos instruídos, que são disputados a preço de ouro.

A camada dominante é tuaregue, e o próprio rei continua a viver sob a tenda, deslocando-se pelo campo; não reside, pois, permanentemente na cidade, que assim está sujeita aos nômades, como é de regra no Sáara. Mas há também um xeque dos africanos, um juiz, um predicator e um professor, pelo menos. Até cerca de 1380, Takedda esteve englobada no império de Mali, revoltando-se então e conquistando a independência.

Os prédios são de pedra vermelha. O vestuário é de fina qualidade, pois se importam fazendas magníficas do Egito e do Borno, estas tingidas de açafião. A alimentação é igual à dos nômades: não se come trigo, nem pão; de manhã e à noite bebe-se leite fresco, acabado de mungir da vaca, e também duas vezes por dia come-se carne de carneiro assada no espeto; na ementa entram ainda a manteiga e o queijo. Dos reinos negros vem algum milho, caro (1 ducado de ouro por 20 medidas, sendo o moio um terço de que é no mundo mediterrâneo). Trigo, ainda se encontra em menor quantidade, e destina-se só aos estrangeiros: vende-se a um ducado de ouro as vinte medidas.

No trabalho de extração nas minas trabalham escravos dos dois sexos. A fundição, porém, efetua-se na cidade. O cobre é fundido em barras de um palmo e meio de comprimento (cerca de 33 cm.), umas espessas e outras delgadas, de modo tal que uma daquelas pesa o mesmo que 6 ou 7 destas. Por um ducado de ouro

(393). — *Vestíges de Takedda.*

(394). — As hipóteses de Lhote e Béguin, inéditas, foram-me comunicadas por Mauny.

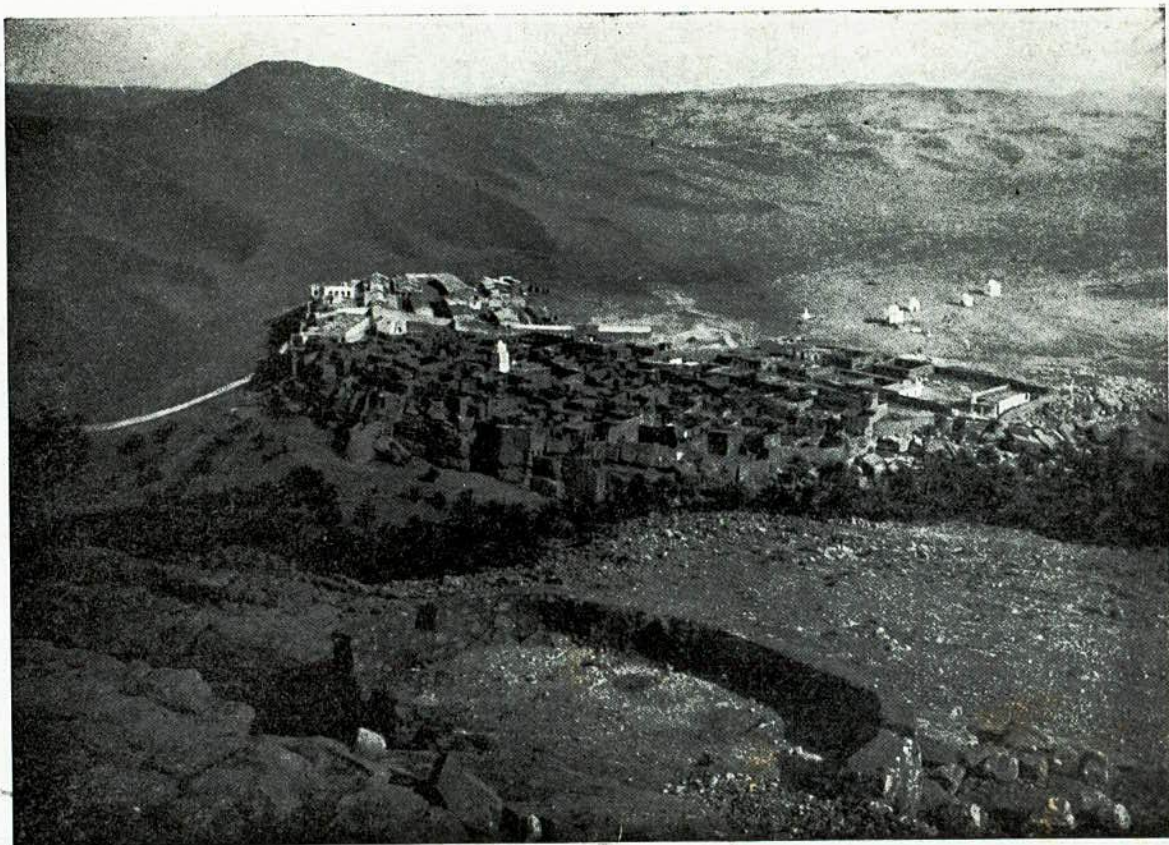


Fig. 7. — Contacto do erg e da hamada em Tarhite (vale do Zusfana).



Fig. 8. — Uargla: as dunas e o palmar.



Fig. 9. — Cheia do Zusfana (perto de Tarhite)

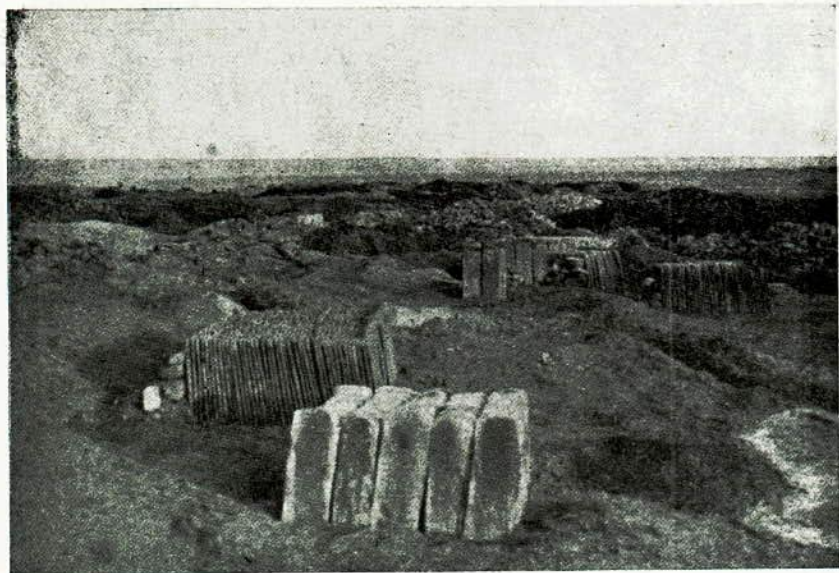


Fig. 10. — As salinas de Taudeni.

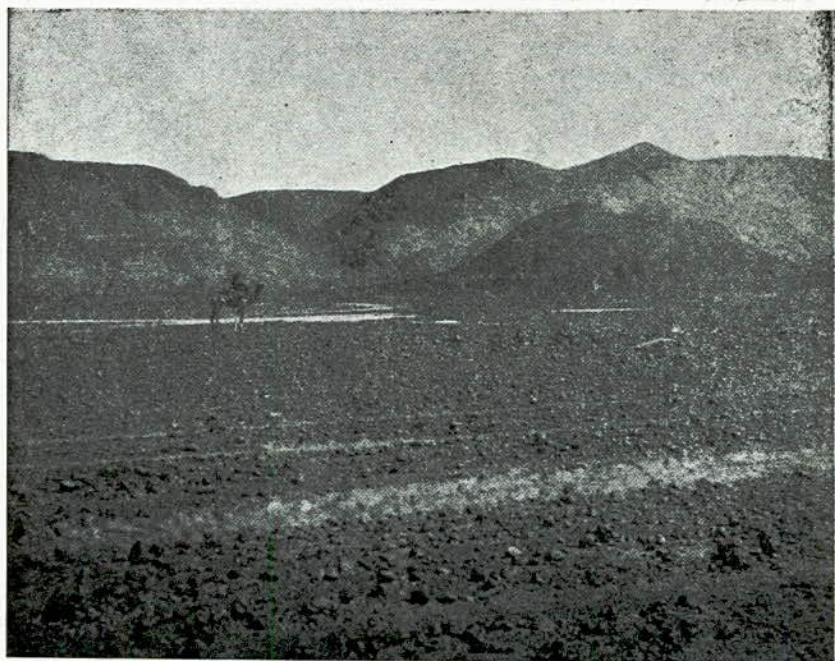


Fig. 11. — O Air. vertente sul do maciço de Baguezane.



Fig. 12. — A estepe perto de Tombuctu.

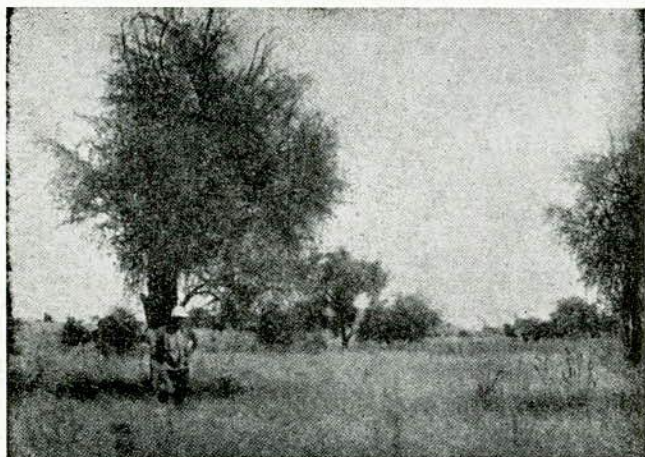


Fig. 13. — Zona do Sahel.



Fig. 14. — Chinguetti

compravam-se, em 1533, quer quatrocentas barras espessas, quer seiscentas ou setecentas barras delgadas.

Na região de Takedda as barras de cobre é que funcionavam como moeda. Com as barras espessas compravam-se escravos masculinos e femininos, o milho, a manteiga e o queijo; com as delgadas adquiriam-se a carne e a lenha para o fogo (395). Os direitos que incidem sobre o comércio do cobre constituíam a principal receita do erário público do império mandinga, como declarou o próprio imperador Gongo Mussa no Cairo, quando da sua peregrinação a Meca. Parte do cobre seguia de Takedda para Niani, a capital donde era distribuído a todo o império e aos reinos negros ainda idolátras; estes adquiriam-no à razão de 100 miticais contra 67 miticais e 2/3 de ouro (396). Outra parte era exportada diretamente do centro mineiro para os reinos negros ao Sul de Takedda e a Leste do Níger — Guber, Zaghai e Banu —, a trôco de belos escravos e de fazendas tingidas com açafão (397).

Takedda mantinha relações estreitas com Uargla (Ibne Khaldun), bem como com o Ahoggar e o Tuata (Ibne Batuta). Pela cidade mineira passava a grande rota das caravanas que ligavam a capital mandinga, Niani, ao Egito: as outras escalas no deserto eram Cahor, In Zawan, Ghate, Fezzam, Augela e Siua. Essa caravana compunha-se de 12.000 camelos (Ibne Khaldun). Por isso disse Ibne Batuta que os habitantes de Takedda, com exceção dos mineiros, não têm outra ocupação que não seja o comércio, e todos os anos fazem uma viagem ao Egito. A população de Takedda podia assim viver na abundância e na riqueza (398).

(*Continua no próximo número*).

VITORINO DE MAGALHÃES GODINHO
do "Centre National de la Recherche Scientifique". Paris.

(395). — Até aqui seguimos Ibne Batuta, IV, págs. 438-444.

(396). — Al-Omari, *Massalik*, págs. 80-81.

(397). — Ibne Batuta, IV, pág. 441.

(398). — *Idem*, 439.